

A prática sem teoria

Os usos e abusos de Jânio Quadros

Brasil vendendo armas a Pinochet?

JULHO DE 1986 - N.º 20

ÓRGÃO DA COMISSÃO
EXECUTIVA NACIONAL DO
PARTIDO DOS TRABALHADORES

Cz\$ 2,00

*“No dia em que o pau comer,
baixinho, nós vamos te quebrar”*

Leme, 10 de julho de 86 - ameaça de
um PM a um dirigente do PT.

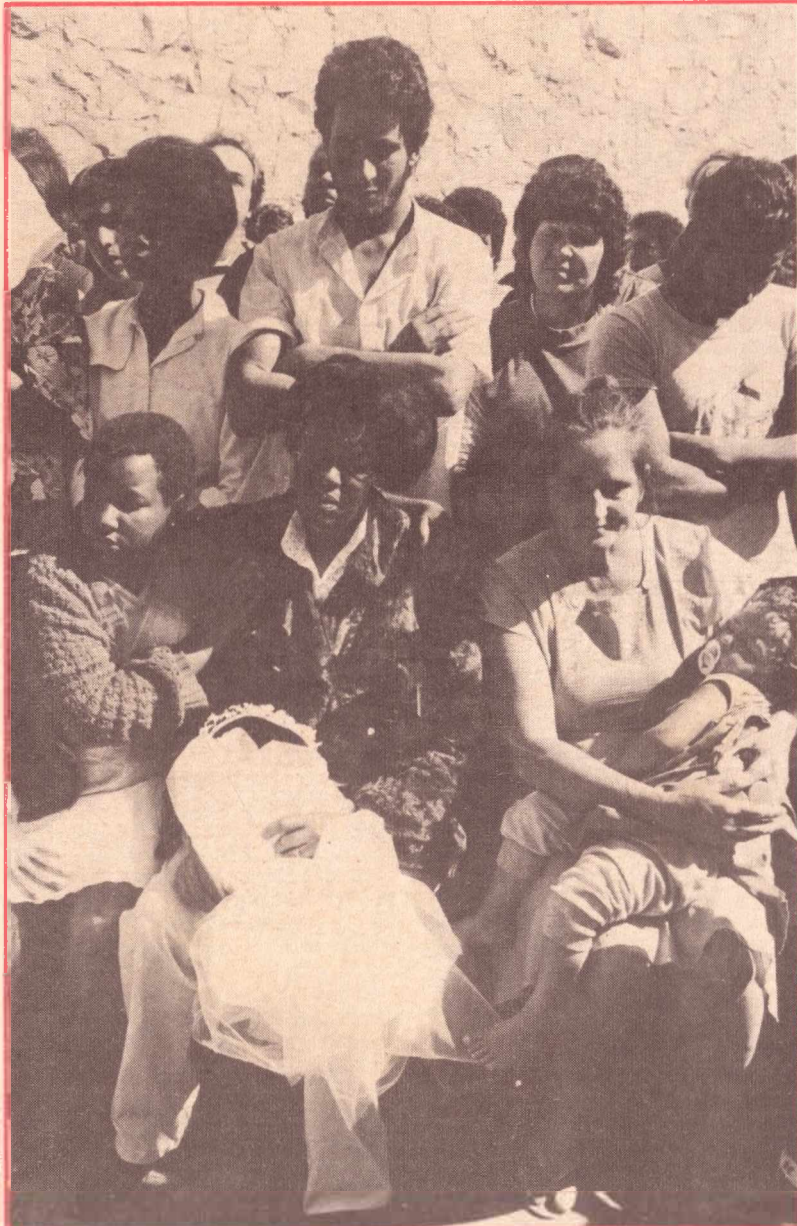


Conivência da imprensa

**Lula pede a convocação
de um Conselho
de Ética da ABI**

Como se explica que meios de comunicação de massa tenham apresentado as vítimas como culpados? E que tenham difundido a versão forjada do massacre, preparada pelos seus próprios autores? Eis um dos trechos centrais da carta enviada por Lula ao presidente da ABI, dr. Barbosa Lima Sobrinho, pedindo a instalação de um Conselho de Ética, para pronunciar-se sobre a conduta dos meios de comunicação no caso da chacina de Leme:

“...Na grande maioria das emissões de rádio e TV e das agências de notícias do próprio dia 11, e dos jornais e revistas dos dias imediatamente subsequentes, os fatos e as circunstâncias dos trágicos acontecimentos de Leme foram violentamente distorcidos. As vítimas passaram a ser tratadas como criminosos, e estes foram absolvidos, por omissão ou manipulação de informações - não apenas em editoriais, artigos e colunas, mas aquilo que se convencionou chamar de “noticiário”. Em outras palavras: além da violência policial contra trabalhadores, populares e parlamentares, houve outra violência, mais sutil, porém não menos ilegítima - a violência da desinformação, da contra-informação e da manipulação das informações.



Cynthia Brito/F4

LEME - SP - BRASIL

E é por essa razão que o Partido dos Trabalhadores - além das demais providências que, nos planos jurídico, político, parlamentar e de massas, está tomando e ainda irá tomar contra os responsáveis diretos e indiretos pela violência policial - considera fundamental iniciar, também no plano ético, uma ampla e rigorosa investigação, capaz de apurar a quem, como, quando e por que cabem responsabilidades pela manipulação das informações perante a opinião pública, através de órgãos de comunicação.

E - julga o PT - a nenhuma outra entidade, no Brasil, poderia melhor caber tal encargo cívico do que à ABI, pela sua tradição de honradez, de justiça e de espírito democrático e ao mesmo tempo combativo.

Assim, aguardando o acolhimento a esta solicitação, coloca-se o PT à disposição da ABI para os esclarecimentos que se fizerem necessários.

S. Paulo, 16 de julho de 1986.
Luiz Inácio Lula da Silva
Presidente Nacional do PT

LUZ EDUARDO GREENHALGH -
DIÁRIO DE LEME/ MARISA LOU-
RENÇO - O QUE QUERIAM OS
BÓIAS-FRIAS/ DEPOIMENTOS/
JOSÉ CARLOS - TRÊS ME
SEGURARAM E UM ME BATEU/
SUELI CORREA - OS POLICIAIS
MATARAM ELE/ ANTONIO HEN-
RIQUE - ME DEU UMA PAULADA
NA CABEÇA E ME PÓS NA
PERUA/ TADEU AFONSO -
DEZENAS DE BÓIAS-FRIAS DE-
NUNCIAM A POLÍCIA/ ROBERTO
CAMARGO - NÃO HAVIA CARRO
NA ASSEMBLÉIA/ JOSÉ GOMES -
FOI A PM QUE ATIROU/ MARIA
APARECIDA - ATIRARAM NA DI-
REÇÃO DO POVO.

OS USOS E ABUSOS DE J QUADROS

*Por trás
de suas estrepolias,
há um projeto político
conservador que encontra
eco no quadro
político nacional,
inclusive junto
ao governo
Sarney.*

O primeiro ato de Jânio Quadros à frente da Prefeitura de São Paulo: através dos Decretos 21.831 e 21.836, em janeiro de 86, demite sumariamente todos os funcionários admitidos (sem recurso) em 83, 84 e 85. Mais de 20 mil servidores públicos.

Extinguiu, a seguir, a Secretaria da Família e do Bem-Estar Social, que concentrava a maioria dos programas sociais da Prefeitura.

Tomou medidas que geraram confrontos e conflitos com os mais diversos setores da sociedade paulista: proprietários de circos, feirantes banqueiros, jornalistas, ambulantes, diretores de escolas de samba, donos de cinemas, teatros, bares e casas de espetáculos.

Tentou acabar com o passe dos idosos, que representam apenas 4% dos usuários de ônibus na cidade. Mandou apreender exemplares da revista Retrato do Brasil, editada por personalidades como Mino Carta e com colaboradores como Sobral Pinto, Hélio Bicudo, Raimundo Faoro, considerando-a "material subversivo". A revista estava sendo utilizada em escolas da rede municipal de ensino, pela Secretaria de Educação, como subsídio para discussão da Constituinte.

Pretende implantar, através da Secretaria de Higiene e Saúde, um programa de controle da natalidade com indiscriminada distribuição de anticoncepcionais à população.

Promete instalar o "monotrilho aéreo", trem que circula sob um único trilho, instalado sobre viadutos, a alto custo. Fala-se num financiamento da Mitsubishi (multinacional japonesa), só que não sabemos onde será implantado nem da sua real necessidade.

Encaminhou à Câmara Municipal projeto de desfavelamento e reurbanização de áreas, tendo como objetivo expulsar das áreas centrais da cidade os moradores de cortiços e favelados.

A capacidade de enganar

São inúmeros os "abusos" da administração Jânio Quadros em seus seis primeiros meses de governo e que demonstram a inexistência de um plano de governo para a cidade, desenhando o perfil de um personagem

demagogo, mas capaz de enfrentar e enganar a todos, sejam eles pobres ou de classe média.

No entanto, Jânio Quadros tem seus objetivos políticos bastante claros. É um conservador que entende ser a sociedade brasileira ainda conservadora e trabalha unicamente com essa variável, pensamento esse que tem encontrado bastante espaço na conjuntura brasileira: o mesmo que elegeu Jânio a prefeito e governador de São Paulo em 1953 e 1954 e presidente do Brasil, em 1960, com cerca de 6 milhões de votos (48% dos votos), uma das vitórias mais expressivas de nossa história eleitoral.

Seu governo é baseado na concentração do poder de decisão através de uma rígida hierarquia baseada na divisão de trabalho, o que se comprova no seu relacionamento com o secretariado municipal. Utiliza-se de medidas que o coloquem sempre em evidência junto aos órgãos de comunicação e que atinjam e melhorem sua imagem junto ao segmento da população que lhe dá apoio.

Procura cumprir sua promessa de segurança e, à custa dos programas sociais, tenta implementá-la, daí o porquê de extinguir a Secretaria da Família e do Bem-Estar Social e criar a Secretaria da Defesa Social. Distribuir os programas sociais por três secretarias - Habitação, Educação e Defesa Social - com dois objetivos: dividir os movimentos que se organizam em torno dessas questões e desarticular a organização dos servidores municipais.

E a capacidade de desorganizar

Conferir amplos poderes à Secretaria da Defesa Social e, no interior das Secretarias, procurar implantar o terrorismo. Trouxe de volta figuras do regime passado para exercerem funções de chefia e papel repressor junto aos funcionários. Tudo isso em detrimento dos serviços prestados à população, criando um clima de medo que dificulta sua mobilização e organização.

Essa ação intimidatória extrapola o espaço das Secretarias, repercutindo na organização das entidades do funcionalismo. Recedita o mito do mandato independente, acima dos grupos sociais, dos partidos e do Legislativo. Não aceita dialogar com a população organizada, utilizando-se da força policial para reprimir os movimentos. Proíbe a realização de manifestações no Ibirapuera, onde fica seu gabinete e, nas audiências, recebe apenas grupos pequenos. Através do loteamento das regionais da prefeitura entre o PDS, PTB, PFL, PMDB tem a maioria na Câmara Municipal. Atende as reivindicações "miúdas" (asfalto, luz, canalização de córregos), utilizando-se dos vereadores e desprezando a mobilização popular para viabilizar sua prática clientelista. Não faz, porém uma triagem partidária, diferenciando-se da administração anterior que privilegiava grupos ligados ao PMDB.

Jânio trata o legislativo com total desrespeito. Governa por Decreto. Aprova seus projetos utilizando o instrumento autoritário que é o Decurso de Prazo, esvaziando, assim, a intância de representação do povo que é a Câmara Municipal.

Alega dificuldades financeiras para atender as necessidades mais prementes da população e se contradiz ao projetar obras faraônicas como a reurbanização do centro da cidade e a urbanização das marginais do rio Tietê para a construção de um novo Paço Municipal, um grande parque e

um Centro Cultural fantástico, de acordo com projetos elaborados por Oscar Niemeyer. Obras que não são prioritárias numa cidade carente de ônibus, creches, postos de saúde etc.

A posição do nosso partido

Não podemos caracterizar Jânio Quadros de forma simplista, qualificando suas medidas apenas como "abusos". Isso inclusive serve à despolitização da discussão do seu governo.

É importante vincular sua figura a um projeto conservador que encontra eco no quadro político nacional, inclusive junto à Aliança Democrática e ao governo Sarney.

Devemos incentivar e propor a mobilização popular como forma de enfrentarmos os desmandos cometidos pelo prefeito. Exemplo importante tem sido dado pelos movimentos de moradia (favelas, cortiços e Promorar) que, através de concentrações, passeatas e caravanas ao gabinete do prefeito, têm lutado com firmeza contra essas medidas, que procuram ainda mais dificultar suas condições de vida.

Devemos nos contrapor ao clientelismo com alternativas de caráter global. Frente à deteriorização dos serviços de transportes, devemos levar à frente a proposta de nosso partido de estatização do sistema de transporte coletivo na capital. Frente aos planos de reurbanização do centro e das marginais do rio Tietê, que visam mais à especulação imobiliária, propomos uma política de recuperação da qualidade de vida no centro que mantenha os moradores no local e de acordo com suas reais necessidades.

Esse é o caminho para acabarmos de vez com os "abusos" de Jânio Quadros e colocarmos o Partido dos Trabalhadores como uma alternativa real de governo para a cidade de São Paulo.

Ricardo Azouvy/ F4
Ner Benedito/ F4
Cynthia Brito/ F4
Wagner Avancini/ F4
Ricardo Malta/ F4
Juca Martins/ F4

Luiza Erundina

A população e o prefeito

Apesar dos desmandos cometidos e dos resultados das pesquisas, é apressado concluir que há uma falta total de apoio popular a seu governo. A população está dividida:



- 1) São seus eleitores 1.572.458, 37% da população da capital. Parte ainda deposita esperanças em Jânio Quadros. Essa parcela apóia suas medidas autoritárias, não acredita em projetos, em sua organização e, sim, na figura do político carismático que, com sua autoridade, vai resolver seus problemas.
- 2) Outra parte assume uma postura conformista, embora seja contrária a Jânio. Diante do autoritarismo, teme a organização e a mobilização, optando pelo "não tem mais jeito".
- 3) Uma parte menor, que tem crescido devido ao aumento do número dos "descontentes", tem uma visão mais crítica e tem assumido postura de combate à administração. Tem conseguido algumas conquistas, mas, no geral, devido à inércia dos diferentes movimentos, não conseguiu ainda uma oposição mais firme ao prefeito.



PALAVRA DE LÍDER

Darci Accorsi

A experiência de Goiás

Como atrair a classe média sem trair os trabalhadores

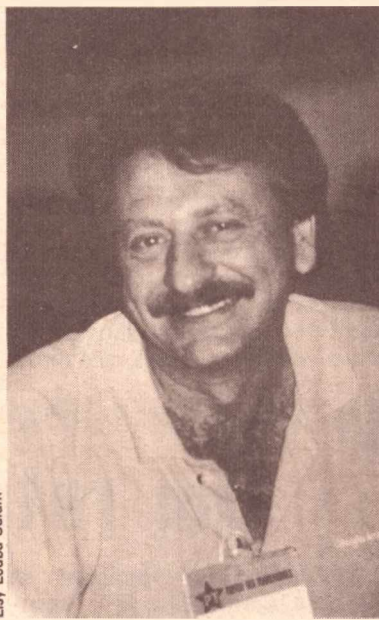
O resultado da eleição municipal de Goiânia em 1985, quando o PT obteve 42% dos votos, fora a fraude, surpreendeu as pessoas que estavam longe de Goiás e os institutos de pesquisa de opinião.

O erro de quem estava longe se explica pela própria distância e pelo massivo investimento do Governo populista de direita nos grandes meios de comunicação de âmbito nacional. Para o PT esse fato terminou sendo favorável. Porque no dia 15 de novembro Goiânia estava repleta de correspondentes da grande imprensa, que vieram cobrir aquela que seria a maior "vitória" do PMDB e que terminaram cobrindo a mais escandalosa fraude da safra, com urnas abertas na rua e outros detalhes igualmente escabrosos.

O erro dos institutos de pesquisa de opinião tem outra origem. Aqui, eles se revelam, de maneira cabal, profissionais do equívoco. Inclusive é lícito pensar que foram regamente remunerados para fazer propaganda, pura e simplesmente, do candidato oficial. De outra maneira não se pode explicar um erro de quase 30% contra o PT. Sobretudo, se se considerar que nossas próprias pesquisas, divulgadas em modesto espaço de televisão, se aproximaram muito mais da verdade eleitoral. Tudo isso nos permite pensar que não é por acaso que aqueles institutos perderam os contratos que tinham com os grandes meios de comunicação para os quais haviam trabalhado nas eleições passadas.

É natural que fora de Goiás nosso PT tenha problemas de imagem. Afinal, há toda uma tradição mental que separa a capacidade eleitoral da capacidade de intervir com eficácia no movimento social.

Aqui conseguimos superar este dilema. Explorando uma conjuntura favorável, mas que nunca foi um mar de rosas, fizemos passar uma imagem positiva do partido, atraímos os setores médios da sociedade. Mas não abandonamos nossa origem, que são os trabalhadores rurais. Tanto isso é verdade que a esta altura temos três companheiros sacrificados pela violência do latifúndio e a cumplicidade do Governo: Sebastião Rosa da Paz, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uruçu; Nativo da Natividade, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Carmo do Rio Verde; e Josimo



Lily Leuba Salum

Tavares, pároco de São Sebastião do Tocantins.

Quer dizer, o PT de Goiás leva uma política tal, que é capaz de aproximar os lavradores que lutam pela Reforma Agrária dos setores médios urbanos, que não têm nenhuma razão objetiva para se oporem àquela reivindicação e que são igualmente oprimidos pelo sistema.

Goiás é uma fronteira agrícola. Por isso mesmo suas classes sociais não estão cristalizadas e a mobilização é grande. Esse fato contribui para explicar a massiva vitória do PMDB em 1982. Da mesma maneira contribui para a compreensão da imediata repulsa do povo ao Governo autoritário e subordinado às empreiteiras, realizado pelo candidato eleito em 1982.

Por outro lado, a extrema-direita, desalojada do Governo em 1982, não conseguiu se apresentar como alternativa. Seu desgaste era tão grande quanto o do PMDB, e o PT soube se apresentar como alternativa viável.

Terra de conquista recente, Goiás é também o lugar onde surgiu a UDR, entidade terrorista que, com a cumplicidade do Governo, organiza a luta armada contra os trabalhadores rurais. Mas aqui também se verifica um grande esforço, por parte da Igreja, no sentido de organizar os trabalhadores rurais. Esforço que tem sido melhor sucedido entre posseiros. Goiás é o Estado que, proporcionalmente, conta com o maior número

de organismos de luta dos trabalhadores rurais. E onde o crescimento do número de trabalhadores volantes não tem implicado na redução do número de posseiros, como geralmente acontece.

Como em quase todos os Estados, também em Goiás a Aliança Democrática vai para a disputa eleitoral com dois candidatos ao Governo. O primeiro carrega o fardo insuportável de ser apoiado por Iris Rezende, atual ministro da Agricultura e ex-governador. O segundo, articulou em torno de si a extrema-direita e tem como vice nada menos que o dirigente da UDR.

Usando e abusando do poder econômico, os dois procuram fazer uma falsa polarização, como se o povo goiano estivesse condenado a escolher entre o ruim e o péssimo.

Fiel à linha nacional, o PT de Goiás vai à disputa sem acordos com a Aliança Democrática e com candidatos em todos os níveis. Majoritário em Goiânia e crescendo aceleradamente no Interior, o PT de Goiás é um fator que não pode ser mais ignorado pelos poderosos. Estamos entrando nesta campanha com serenidade, mas com determinação.

Plenamente consciente de nossos limites financeiros e das fragilidades do movimento social, tanto no campo como na cidade, estamos fazendo uma campanha que não foge nem um milímetro das linhas gerais do partido. Mas que procura adaptá-las às realidades sociais, econômicas e culturais de nosso Estado.

Nesse sentido, temos propostas firmes e independentes sobre a questão agrária, mas não cometemos o sectarismo de nos afastar dos pequenos e médios proprietários. Na cidade procuramos consolidar e ganhar apoio dos setores médios, tanto dos pequenos e médios empresários como dos assalariados de forma geral.

Em matéria de propaganda, conscientes de que não podemos competir em matéria de quantidade com nossos adversários, estamos nos esforçando para superá-los em qualidade e criatividade, como fizemos em 1985.

É com esse tipo de política que estamos em campanha para disputar, para vencer e para garantir a vitória. Inclusive já articulamos uma comissão especial antifraude, encarregada de preparar nossa militância para a provável tentativa de adulterar o resultado das eleições.

Um país de repetentes

Não se concentram, não têm hábito de estudo; é a fome.

Passam-se um, dois, três anos e lá está Toninho ainda na 1.º série, sentado cada vez mais no fundo da sala, fazendo parte de uma entre as centenas de classes dos considerados "repetentes fracos".

Toninho tem o olhar apagado, está sempre distante. Como ele, milhares de crianças que frequentam as escolas públicas vão apenas pela expectativa da merenda, que, na maioria dos casos, será a única refeição do dia que irá consumir.

Em pesquisas feitas com professores sobre as condições que interferem negativamente no aproveitamento escolar dessas crianças, foram apontadas: a) falta de atenção e concentração dos alunos; b) inexistência de hábitos de estudo em casa; c) pouco esforço e dedicação aos estudos.

Mas o que são esses problemas senão consequência do fator fome? É claro que não podemos nos restringir apenas à fome sentida durante as horas de aula, mas à fome num sentido mais amplo, fome de gerações, que acarreta toda essa problemática social de saúde física, emocional e psicológica e, conseqüentemente, o analfabetismo.

Obviamente, outros elementos negativos, como a falta de material didático, espaço físico insuficiente; classes heterogêneas e com um número muito grande de alunos, contribuem para reforçar o problema do baixo rendimento escolar.

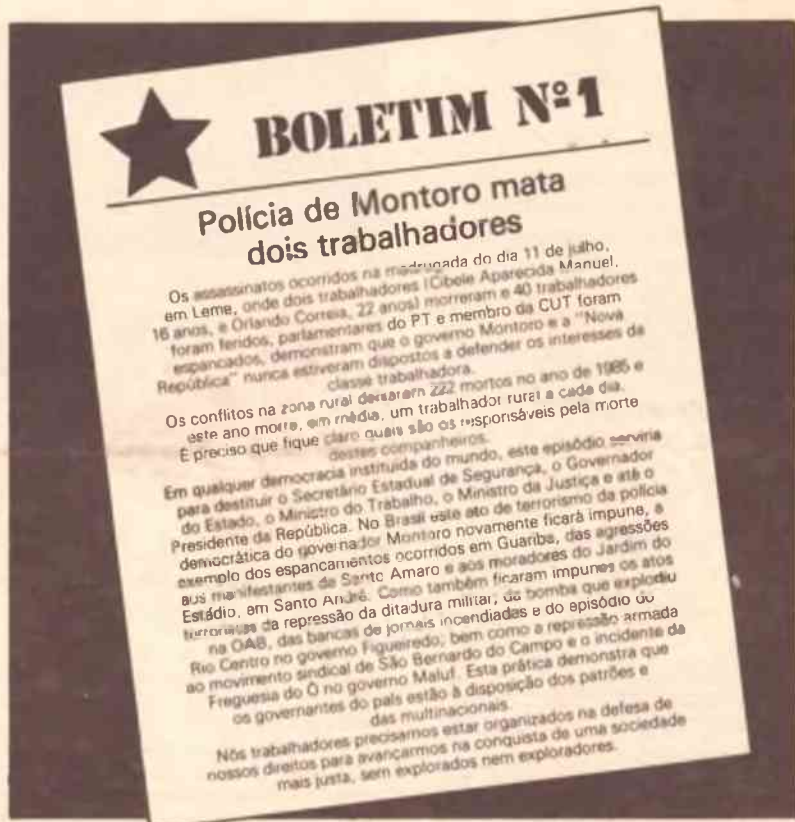
Em uma análise detalhada, feita em 1982 sobre os índices de retenção das primeiras séries, verificou-se que: em 282 escolas, somente 32% reprovam menos de 30% dos alunos; 63% das escolas municipais apresentam índices de retenção que variam entre 30% e 49%; e que 5% das escolas municipais reprovam mais de 50% dos alunos.

Constatou-se, então, que das 282 escolas, pelo menos 190 reprovam nas primeiras séries mais que 30% dos alunos matriculados. Verificou-se também o grande número de evasão, que, somado ao de retenção, dá um total de mais de 40%.

No início do ano letivo de 1983, foram abertas discussões nas escolas, visando obter-se propostas dos professores para diminuir a porcentagem de retenção de alunos nas primeiras séries.

Sugeriram eles: desenvolver alfabetização num período maior de tempo — um ano e meio ou dois anos —, a criação de classes homogêneas e rever os processos de recuperação, avaliação e promoção dos alunos, entre outras. Mas a realidade, o dia-a-dia da relação professor-aluno demonstram que medidas desse tipo são irrisórias diante da complexidade do problema, e o professor sente as mãos atadas diante dos recursos tão escassos de que dispõe.

Muitas vezes, tentar dar uma aula nos dá a sensação de estarmos representando uma tragicomédia, num cenário composto de crianças apertadas numa mesma carteira, sem espaço e papel para escreverem, sem agasalhos no inverno, sentindo o frio que entra



pelos vidros eternamente quebrados, as barriguintas roncando e os narizinhos sempre sujos.

Maria Cecília Ribeiro
(membro do PT
Santa Cecília - SP)

Um retrato da organização

A Secretaria Nacional de Organização, sob a coordenação da deputada Irma Passoni, assumiu o Partido às vésperas do processo de renovação legal dos Diretores Regionais e Municipais e já na preparação das Eleições de 85. O Partido encontrava-se desmobilizado e a palavra de ordem era "crise". Desconhecíamos a realidade do Partido. Um ano depois, o Partido está legalizado ou em efetiva construção em todas as unidades da Federação. O PT revigorou-se e a Secretaria de Organização contribuiu para isso. Formamos uma equipe de 5 pessoas: Irma Passoni, Luiz Dulci, Apolônio de Carvalho, Antônio José Medeiros e Carlos Eduardo Zanatta. Em seguida, tentamos "tirar um retrato" do PT. Visitamos, com a colaboração de outros membros do Diretório Nacional, todos os Estados e Territórios. Elaboramos roteiros para informações e, diante de todos estes dados, fizemos o Plano Nacional de Organização, que privilegiava a Campanha Nacional de Filiação e Nucleação.

Um dos trabalhos mais simples e, ao mesmo tempo, mais difíceis da Secretaria de Organização foi a regularização do Endereçamento do Partido. Até hoje este trabalho não está completo. Temos muito que "caminhar" para con-

seguir os endereços de todos os Diretórios Municipais e de seus membros. A Secretaria de Organização fez o acompanhamento "legal" dos Diretórios Regionais e Municipais e também atendeu ao Partido com orientações sobre as Eleições de 85. Muitos problemas ocorrem pela simples falta de atenção dos companheiros ao lerem as circulares.

A Campanha Nacional de Filiação e Nucleação foi "muito bem bolada", com a ajuda de companheiros publicitários de São Paulo e do Espírito Santo. Foram produzidos cartazes, e foram enviadas aos Estados e Municípios diversas orientações sobre a Campanha. A Campanha deveria ter se concretizado nos Estados e Municípios através de um planejamento concreto, que não foi feito na maioria deles.

Nossos filiados se distribuem da seguinte forma: região Norte: 13.147 (4,14%); região Nordeste: 56.769 (17,88%); região Centro-Oeste (incluindo Rondônia e Acre): 19.402 (6,11%); região Centro-Sul: 228.082 (71,85%). Percebemos que dois terços do Partido se encontram na região Sudeste, um terço só em São Paulo. Esta divisão mais ou menos respeita a divisão populacional e a força do desenvolvimento econômico. A região responsável por 80% do PNB tem 71% dos filia-

dos ao PT. Isso equivale dizer que o PT é mais forte onde o desenvolvimento é maior. A observação de que Minas Gerais possui maior número de filiados que o Rio de Janeiro também vem concordar com esta tese, tendo em vista o recente crescimento de Minas Gerais como a segunda economia do País.

Dentro dos Estados, pelos mesmos princípios, as capitais são privilegiadas. A maioria dos Estados tem mais filiados nas grandes cidades. Há uma preocupação com as cidades-pólos. Há exceções que ainda carecem de uma melhor priorização dos Diretórios Regionais.

Em nove Estados, o número de filiados do interior é maior do que da Capital. Temos razões para acreditar que nos últimos tempos este número diminuiu. Há no Estado de Santa Catarina um equilíbrio entre cidade e campo, e pelo menos o Paraná é outro Estado que deve estar se equilibrando neste sentido. Nos demais Estados o predomínio é das classes médias urbanizadas. Os operários não são maioria em nenhum Estado. Até o ano passado poderíamos considerar o Espírito Santo como um Estado com estas características... agora não é mais.

Carlos Eduardo Zanatta



O PT e a Reforma Agrária

O Diretório Nacional reafirma seu apoio à luta dos sem-terra e denuncia a política de panos quentes e de conluio do governo com a violência dos latifundiários

Íntegra do manifesto do Diretório Nacional

Convencida de que pode resolver seu problema agrícola através de uma nova aceleração da "modernização" dos latifúndios, a "Nova República" está colocando em prática um chamado "Plano Mestre" elaborado por uma equipe dirigida pelo ministro Marco Maciel da Casa Civil, sob inspiração direta do Conselho de Segurança Nacional.

Esse "Plano" prevê que o governo manterá seu discurso pro-reforma agrária e fará ações para corrigir situações extremas, mas estabelece que sua atuação não deve realizar tipo algum de alteração real na estrutura fundiária do País. A reforma agrária nos planos do governo Sarney não passará, pois, dos limites da publicidade e das medidas superficiais, restritas a um mero processo de colonização. Face à exigência nacional de mudanças, na perspectiva de um efetivo regime de democracia, o plano Sarney nada mais faz do que tentar mistificar a opinião pública e assegurar a continuidade e perpetuação dos privilégios dos grandes proprietários de terras, dos profundos contrastes sociais, do êxodo rural, da fome e da miséria decorrentes do monopólio da propriedade da terra, o mais antigo monopólio que oprime nossa sociedade.

Paralelamente à ação governamental e, em certa medida articulada com ela, a direita reacionária organizada na UDR, TFP e outras entidades de latifundiários, realiza uma ação terrorista. Assassina lideranças de trabalhadores rurais e membros de segmentos sociais que apoiam a luta pela reforma agrária, cria um clima de violência e guerra nas zonas rurais, intimida pequenos e médios proprietários agrícolas e, através dos meios de comunicação, procura jogar a população urbana contra as justas reivindicações dos trabalhadores sem terra e com pouca terra, procurando atribuir a estes a responsabilidade pela atual situação conflituosa existente no campo.

Na verdade, toda essa ação visa criar as condições para que, sob a legitimação do Congresso, o governo estabeleça um firme controle policial, militar e judiciário sobre o movimento dos trabalhadores rurais, esmagando suas reivindicações básicas de terra, crédito barato, assistência técnica, preço justo e liberdades democráticas. O "pacote anti-violência" traduzido em projeto de lei, em vez de tomar medidas práticas para de-



Os sem-terra da Fazenda Annoni - Junho de 86

sarmar jagunços e pistoleiros, pretender institucionalizar as milícias privadas e, portanto, a violência dos latifundiários contra os trabalhadores.

Diante da escalada de fatos tão graves, o PT vem a público, mais uma vez, para denunciar a ação governamental em conluio com a direita latifundiária, e reiterar seu apoio às aspirações, reivindicações e luta dos trabalhadores do campo.

O PT denuncia a posição nitidamente pro-latifundiária do atual ministro da Justiça, Paulo Brossard, que pretende colocar num mesmo plano, o direito de defesa dos trabalhadores e a violência dos fazendeiros contra os pobres do campo. O PT exige a eliminação das milícias privadas e a punição dos assassinos dos trabalhadores e de seus mandantes. E mais uma vez, denuncia as ameaças de morte que pairam sobre diversos de seus filiados por apoiarem a luta

Muita pompa, pouca reforma

Na última semana de junho, o ministro da Reforma Agrária, Dante de Oliveira, anunciou um pacote de desapropriações que atinge cerca de 300 mil hectares em 14 estados e beneficiando, em princípio, perto de 10 mil famílias. A pompa com que o governo procurou cobrir estas medidas não esconde, no entanto, o seu conteúdo demagógico. A esmagadora maioria das áreas afetadas já está ocupada por posseiros há vários anos e inclusive décadas. São as áreas de "tensão rural", como classifica o governo, onde os fazendeiros e seus jagunços costumam atacar, incessantemente, as famílias de trabalhadores que trabalham e moram nestas terras.

Este pacote prevê tão-somente a regularização legal e judicial nestas regiões e não constitui, portanto, uma resposta positiva ao anseio de Reforma Agrária que habita no seio da população, no campo e na cidade. Apenas se abre a oportunidade de institucionalizar uma situação que já existe de fato. Para os fazendeiros, não se trata de um golpe. O que eles querem discutir é o quanto receberão pelas terras a título de indenização. Como sempre, procuram ganhar o máximo produzindo o mínimo - ou, na maior parte dos casos, nada. O inaceitável, neste caso, é o respaldo que lhes dá o governo da Nova República, ao mesmo tempo em que desrespeita a vontade dos que vivem da terra mas não têm terra para trabalhar.

Bernardo Ajzenberg

pela reforma agrária, responsabilizando os governos federal e estadual pelo que acontecer a qualquer um desses filiados, já que a Bancada do PT na Câmara Federal comunicou às autoridades a relação dos ameaçados.

Ao mesmo tempo, o PT volta a manifestar seu integral apoio à luta por uma reforma agrária que elimine o latifúndio e possibilite o acesso à terra das milhões de famílias sem terra existentes no País. O PT continuará apoiando as diversas formas de luta de massas dos trabalhadores do campo pela realização prática da reforma da estrutura fundiária.

Nesse sentido, os filiados e simpatizantes do PT devem fazer todo o empenho para que os atos massivos e outros eventos programados pelos diversos movimentos de trabalhadores rurais para o dia 25 de julho - Dia do Trabalhador Rural - tenham o mais completo êxito.

Finalmente, o Diretório Nacional conclama todos os filiados e simpatizantes a integrarem-se mais ativamente na luta pela reforma agrária e contra a violência latifundiária no campo, esforçando-se para unificar as lutas pela terra no campo e nas cidades e as lutas dos trabalhadores rurais e urbanos. A participação ativa e o apoio dos simpatizantes e filiados do PT aos "Comitês pela Vida", Sindicatos de Trabalhadores Rurais, Movimento dos Sem Terra e outras entidades de trabalhadores é de fundamental importância para a luta geral do nosso Partido contra a miséria e a opressão.

São Paulo, 22 de junho de 1986.
Diretório Nacional do
Partido dos Trabalhadores

Lewy Mores / F4



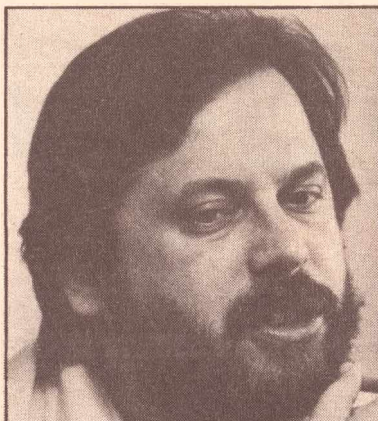
Caminhada dos sem-terra da Fazenda Annoni a Brasília - Junho de 86

Nossa nova Executiva

O novo Diretório Nacional do PT - agora ampliado para 80 membros - realizou, em São Paulo, nos dias 21 e 22 de junho, sua primeira reunião, onde foi eleita a Comissão Executiva Nacional do partido.

Além da discussão e votação de emendas apresentadas à Plataforma Básica no IV Encontro e não submetidas à votação na ocasião, foi aprovado, durante a reunião, um documento para os filiados do PT na Bahia, onde se reitera decisão do IV Encontro de não permitir coligação, aliança, acordo ou apoio a candidaturas ligadas à transição conservadora, à Nova República e ao governo Sarney. O Diretório Regional do PT na Bahia já realizou novo Encontro Regional mas não seguiu as orientações do DN e do IV Encontro. Também foi aprovada nesta reunião a proposta da Comissão Política sobre a posição do partido diante da Reforma Agrária (veja íntegra da proposta na página 5).

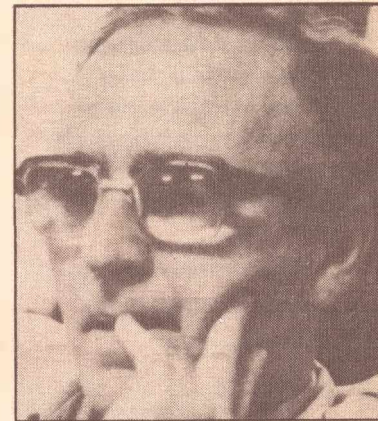
A nova Comissão Executiva não está muito diferente da antiga. Os novos integrantes são os companheiros Wladimir Pomar,



José Dirceu



Luiza Erundina



Wladimir Pomar

Luiza Erundina (vereadora - SP) e José Dirceu (secretário-geral do DR/SP). Veja o quadro:

COMISSÃO EXECUTIVA NACIONAL

Presidente:

Luiz Inácio Lula da Silva (SP)

1.º Vice-Presidente:

Jacó Bittar (SP)

2.º Vice-Presidente:

Apolônio de Carvalho (RJ)

3.º Vice-Presidente:

Djalma de Souza Bom (SP)

Secretário-Geral:

Francisco Correa Weffort (SP)

1.º Secretário:

Luiz Soares Dulci (MG)

2.º Secretário:

Paulo Otávio Azevedo (SP)

Tesoureiro-Geral:

Clóvis Ilgenfritz da Silva (RS)

1.º Tesoureiro:

Hélio Bicudo (SP)

2.º Tesoureiro:

Olivio Dutra (RS)

Líder da Bancada na Câmara dos Deputados:

Irma Passoni (SP)

Líder da Bancada no Senado Federal:

VOGAIS

Primeiro Vogal:

Perly Cipriano (ES)

Segundo Vogal:

Eurides Mescolotto (SC)

Terceiro Vogal:

Luiz Eduardo Greenhalgh (SP)

Quarto Vogal:

Perseu Abramo (SP)

SUPLENTE

Primeiro Suplente:

Geraldo Pastana (PA)

Segundo Suplente:

Paulo Delgado (MG)

Terceiro Suplente:

Wladimir Pomar (SP)

Quarto Suplente:

Luiza Erundina (SP)

Quinto Suplente:

José Dirceu (SP)

Marisa Lourenço

Voluntários para a Nicarágua

A Secretaria de Relações Internacionais do PT está recebendo currículos profissionais de militantes e simpatizantes interessados em trabalhar voluntariamente na Nicarágua, em diferentes áreas técnicas. Será dada preferência àquelas pessoas já formadas e com experiência anterior. Os campos prioritários são: engenharia (diversas especialidades), medicina (idem), enfermagem e arquitetura.

Os interessados devem entrar em contato com o Diretório Regional de seu Estado e posteriormente enviar currículo para a sede nacional em São Paulo (Rua 11 de Junho, 260 - CEP 04041) aos cuidados da Secretaria de Relações Internacionais.

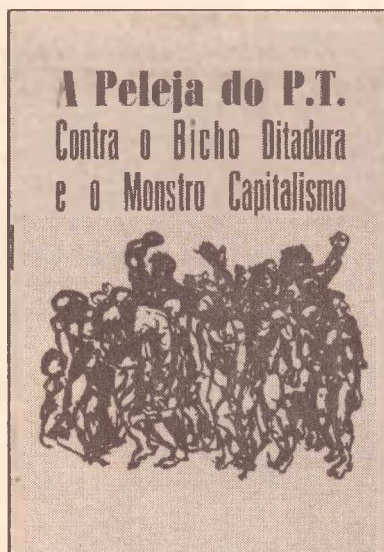
O envio do currículo não significa sua aprovação automática, que depende das autoridades nicaraguenses sempre de acordo com as necessidades daquele país. O prazo para a entrega dos currículos vai até o dia 30 de agosto. Os candidatos devem estar disponíveis para uma cooperação voluntária de dois anos.

Marco Piva

Vamos contar a história do PT

Apesar de várias iniciativas anteriores, só agora conseguimos realizar um projeto que nunca pôde ser levado adiante: esta exposição - organizada pela CEN e FWP - pode significar o início de um centro de documentação do PT, tão necessário para a nossa vida partidária.

Mas existe ainda entre nós a idéia de que conservar significa colecionar documentos e objetos em caixas fechadas, "para que não se percam" ou "para mostrar aos nossos filhos e netos o que pensamos ou fizemos". Entretanto, tudo o que documenta fatos anteriores (imagem, texto, objeto) faz parte, de alguma forma, do momento em que vivemos, e representa, portanto, a nossa história viva. Então, esse material é importante hoje, e sempre que possível, deve ser mostrado, estar ao alcance de nossos sentidos, organizado, de forma a nos servir de referência como meio de avaliarmos o que



"Vamos contar a história
De um país bem conhecido,
Que possui tantas riquezas
Mas que é tão mal repartido,
Esse país que falamos
É o nosso Brasil querido.

Cordel do PT da Paraíba

fizemos e criamos novas idéias, situações e propostas.

Acreditamos que aqui também se aplica questões de princípio: dos direitos coletivos sobre a produção cultural, e de sua socialização. Ainda é tempo de participar - o material emprestado, em consignação, será registrado, eventualmente copiado e em seguida devolvido; o doado será incorporado ao patrimônio do Partido. Assim poderemos partilhar todos de algo - quem sabe único - que um núcleo ou um companheiro conseguiu resgatar da nossa história.

A inauguração da exposição já tem data marcada: 9 de agosto no Congresso Nacional, para, a partir de setembro, percorrer todo o Brasil.

**COLABORE VOCÊ TAMBÉM!
VAMOS FAZER DESTA EXPOSIÇÃO, ALÉM DE UMA MOSTRA, UM INSTRUMENTO DE FORMAÇÃO POLÍTICA.**

Lisy Leuba Salum

O MASSACRE DE LEME

7

Diário da chacina de Leme

7/7/86

Segunda, 7 de julho. Quase meia-noite, toca o telefone. Era alguém de Leme, que eu não conhecia. Voz assustada, descrevia a greve dos canavieiros e dizia das violências que a Polícia Militar, durante o dia, havia praticado contra os trabalhadores, na tentativa de dissolver a assembléia. No final, o apelo para que eu e outros companheiros fôssemos a Leme. A greve já durava 14 dias.

8/7/86

Terça, 8 de julho. O deputado Eduardo Suplicy, Jacó Bittar, o Deputado Djalma Bom, companheiros Paulo Azevedo, Hélio Bicudo e outros fomos a Leme. Durante a assembléia dos trabalhadores, Suplicy colheu seus depoimentos sobre as condições de vida e trabalho. Salários miseráveis. As falcatruas na pesagem da cana colhida. Por isso, reivindicam o controle da produção por metro linear e não por tonelada.

Procurei saber das violências da Polícia Militar. Diversos trabalhadores confirmaram que haviam sido espancados. O companheiro Vitor Faia havia sido preso, em Araras. Foi liberado pela intervenção de Hélio Bicudo e Paulo Azevedo. Um apelo unânime: que intercedêssemos junto à Secretaria da Segurança para conter as violências da PM. Assumimos este compromisso. Voltamos. O Deputado Djalma Bom e o companheiro Paulo Azevedo resolveram permanecer em Leme. No mesmo dia, Suplicy mantém contato com a Secretaria de Segurança. Narra as violências contra os trabalhadores. Pede providências. Reclama garantias. Recebe informações de que a situação estava sob controle e que a Polícia Militar somente estava para garantir os direitos daqueles que queriam trabalhar.

Quarta e quinta mantivemos contato com Leme. A greve continuava: a tensão aumentava por causa de uma reunião entre representantes de diversos setores da comunidade de Leme - religiosos, sindicalistas e políticos - com o empresário Rui de Souza Queiroz, dono da Usina Cresciumal, que disse, alto e bom som, "que as coisas em Leme somente voltariam ao normal quando dois ou três trabalhadores fossem mortos". Não abriu nenhuma possibilidade de acordo.

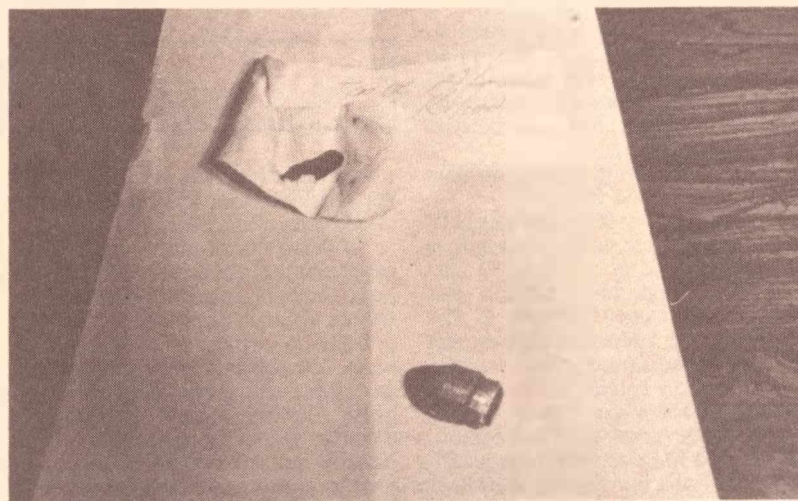
Além disso, numa mesa-redonda anterior, que contou com a presença do ministro do Trabalho, os usineiros confessaram, sem cerimônia, que, de fato, muitas cláusulas da Convenção Coletiva do Trabalho eles não cumpriam nem iam cumprir, e que não tinha acordo.

10/7/86

Quinta, 10 de julho. Quase meia-noite, toca o telefone. Do outro lado da linha o teólogo Valdir Alberti que informava que Leme estava recebendo grande quantidade de tropas da Polícia Militar, deslocadas das cidades vizinhas. Previa a ocorrência de muita violência na madrugada seguinte. Pedia que voltássemos a Leme.



Waldecir Donizetti, um dos feridos pela polícia



Bala que matou Sibebe Manoel

A Chacina

Sexta, 11 de julho. Sete horas da manhã. O teólogo, voz rouca e embargada, noticiava o assassinato de Sibebe e Orlando. A existência de diversos feridos a bala. O espancamento e a prisão de muitos trabalhadores e deputados do PT: Djalma Bom, Anísio Batista, José Genoíno Neto.

Os companheiros Paulo Azevedo (braço enfaixado) e Vitor Faia (escoriações generalizadas) contavam o que tinha ocorrido: A Polícia Militar havia investido contra os lavradores, atirando, jogando bombas de gás lacrimogêneo, com cães pastores, cassetetes e todos os demais apetrechos bélicos que a caracterizam.

Resultado: 2 mortos, 30 feridos. Muitos presos. A tragédia havia se consumado. O que era previsível, ocorreu. A Polícia Militar transformou Leme numa praça de guerra. Os trabalhadores foram chacinados. Os responsáveis: a PM comandada pelos tenente-coronel Sendin e Capitão Vilar.

Quando chegamos - o padre Ermano Alegri, coordenador nacional da CPT e eu - a cidade parecia ter sido varrida por um vendaval. Todos corriam assustados, de um lado para outro, sem saber o que fazer. As autoridades, umas gaguejavam, outras lamentavam o ocorrido.

A partir daí, começavam as declarações do ministro da Justiça, Paulo Brossard, do superintendente da Polícia Militar, delegado Romeu Tuma, do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, do secretário da Segurança Pública de SP e da Justiça, Eduardo Muylaert, e o próprio governador Franco Montoro, todas no sentido de

atribuir as responsabilidades ao PT e à CUT.

A farsa se articulava

"O primeiro disparo, que desencadeou o tiroteio entre canavieiros e não-grevistas, teria partido do carro MI - 9964 pertencente à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, à disposição da Liderança do PT", era a informação contida no relatório enviado pelo delegado Romeu Tuma, da Polícia Federal, ao presidente José Sarney, no dia dos fatos.

No carro estariam os deputados do PT José Genoíno Neto e Geraldo Siqueira. Junto com eles, os companheiros Paulo Azevedo e "Chicão" (assessor do deputado Anísio Batista).

Mentira. O deputado Geraldo Siqueira estava nesse momento em Angra dos Reis, numa manifestação antinuclear, com Suplicy. O deputado José Genoíno estava no palco dos acontecimentos, mas fora do carro. Idem Paulo Azevedo e "Chicão". O tal carro havia chegado ao local para socorrer alguns feridos. Dentro dele, somente o motorista Jeremias, que presta serviços ao deputado Anísio Batista.

Os deputados do PT socorreram as vítimas e transportaram-nas para a Santa Casa. Orlando Correa morreu nos braços de Djalma Bom. Nenhum deles estava armado. Foram presos nas dependências da Santa Casa. Estavam também machucados.

Mas Tuma, Brossard, Muylaert e Montoro não disseram a verdade. Era preciso culpar o PT e a CUT para salvar a Polícia Militar.

Assim pegaram três depoimentos-chave; Orlando de Souza, motorista do ônibus apedrejado pelos grevistas; José Henrique Cafasso, também motorista, e Ovílso Santos, passageiro, todos funcionários da Usina Cresciumal, os quais disseram, na delegacia de Polícia, que os primeiros tiros partiram do Opala, depois identificado como estando à disposição do deputado Anísio Batista.

De sua simples leitura já aparecem grandes contradições: todos disseram que se jogaram no assoalho do ônibus, quando o mesmo foi apedrejado pelos trabalhadores do piquete, quebrando o vidro dianteiro e o do letreiro, atingindo o braço do motorista e a perna dos dois policiais. Curiosamente, consta, nos mesmos depoimentos, que os "tiros" disparados pelos ocupantes do Opala haviam quebrado os mesmos vidros, os únicos danificados segundo o boletim de danos da própria delegacia. Todos disseram que ainda estava escuro, mas os depoimentos descreviam, em detalhes, a cor do carro, da placa e até mesmo das maçanetas metálicas do mesmo.

Os depoimentos dos PMs envolvidos "confirmaram" tais versões. Evidentemente. No dia seguinte - sábado - entretanto, pelas 10 horas da manhã, o mesmo Orlando de Souza, em entrevista à RTC, desmentiu as declarações que fizeram consignar em seu depoimento policial. Em seguida, sumiu da cidade.

A noite, na minha presença, na do deputado Eduardo Suplicy, e na de oito jornalistas, em sua residência, José Henrique Cafasso disse que não havia dito, na delegacia, que os tiros teriam partido do Opala, nem que o carro havia fechado o ônibus.

Indagado, se havia lido seu próprio depoimento, respondeu que não. Que somente o assinou. Disse que, na delegacia, "falava pouco, e eles escreviam muito".

Acertamos para que ele fosse, no dia seguinte, conosco à delegacia para ouvir a leitura de seu próprio depoimento, e alterá-lo, caso o mesmo não estivesse de acordo com as suas declarações.

No domingo, quando fomos buscá-lo, não havia ninguém em casa.

Na delegacia soubemos, pelo delegado João Batista Dias da Costa, que, a conselho "da autoridade policial", saíra da cidade.

Neste mesmo dia, à tarde, Ovílso Santos desmentiu, também, ao jornalista Tadeu Afonso, da Folha de São Paulo, as suas declarações policiais incriminadoras do PT.

A farsa começava a ser derrotada e desmascarada.

As autoridades federais - Tuma, Brossard - e as estaduais - Muylaert e Montoro - passaram, então, a noticiar que estas testemunhas haviam sido, por nós, pressionadas a alterar os seus depoimentos.

O delegado José Tejera deu declarações à imprensa, afirmando que, "se as testemunhas, alterassem os seus depoimentos", ele próprio as processaria por falso testemunho. Quem, efetivamente, coagia? Nem assim, conseguiram salvar a farsa. As testemunhas, ouvidas novamente, em presença do representante da OAB, desmentiram que os tiros saíram do Opala.

Além disso, outras testemunhas estão depondo e assegurando o que de ninguém é desconhecido: que foi a Polícia Militar quem atirou contra os trabalhadores.

Além disso, Brossard e Muylaert noticiaram que os médicos legistas não encontraram o projétil que vitimou Sibebe, mas somente a bala que matou Orlando Correa.



O MASSACRE DE LEME

DEPOIMENTOS

Entretanto, a cápsula referente a Sibeles estava intacta no cofre da Santa Casa de Misericórdia de Leme à disposição da policia, desde o dia dos fatos, segundo o diretor-clínico Alberto Luiz Taranielli.

Levamos Suplicy e eu então, a imprensa e fotografamos as cápsulas dentro da Santa Casa. Foram fotografadas as balas referentes a Sibeles, a Jorge Aparecido Kilian, a Valdecir Donizeti Rosa e a Antônio Quirino Lopes.

No dia seguinte, desconsertadas, as autoridades policiais e governamentais já se apressavam em dizer à imprensa que a bala de Sibeles fora encontrada e estava sendo periciada.

Agora, já há declarações do delegado de policia, afirmando que a bala que atingiu Sibeles estava deformada, o que impossibilita saber qual o seu calibre ou de que arma teria partido. A conivência com a PM é total. Descarada. Mas esse fato vai ter desdobramento. É que o projétil que vitimou Sibeles estava íntegro, sem deformações, possibilitando afirmar que era de "calibre 38" e suas estrias permitiam saber de que arma teria sido disparado, quando foi fotografado no hospital.

Ademais muitas vítimas foram excluídas na policia do Boletim de Ocorrência, sendo necessário que nós as levássemos, por nossa iniciativa, à delegacia para fazer registrar as ocorrências, e depois à Santa Casa, para o devido exame de corpo de delito.

Passamos, na prática, a obrigar a policia a fazer o serviço que é de sua obrigação.

As autoridades, entretanto, para demonstrar o resultado da "incitação petista" na cidade, registraram uma ocorrência segundo a qual 5 trabalhadores teriam invadido a casa de um PM em Leme, o ameaçado sob a mira de armas, etc.

Ocorre que Reginaldo Quirino Lopes, um dos acusados, desmentiu as afirmativas do BO e relatou que foi a PM quem invadiu a sua casa, ameaçando seus familiares. Levaram-no preso, e depois queriam que ele assumisse, sob tortura, os fatos descritos no BO. Resistiu e não concordou. Foi solto. Mas o BO - falso e falsificado - ficou "devidamente registrado".

Não se pode ocultar eternamente a verdade dos fatos. Ainda mais quando são mal ajambrados e desconexos os alicerces da farsa.

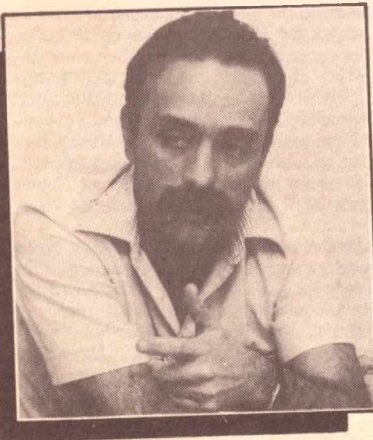
Verificamos, com tristeza e revolta, que as autoridades federais e estaduais da Nova República estão usando os mesmos alibis, tantas vezes utilizados durante o Regime Militar. Só que, agora, não mais Armando Falcão, Erasmo Dias ou Fleury. Simplesmente, Brossard, Muylaert e Tuma.

Até quando continuaremos assim?

Com farsas sobre farsas. Com mentiras. Com desculpas interesseiras e politiquês. Até quando a mimica da democracia? Até quando o PT e a CUT pagarão pelos fracassos da Nova República?

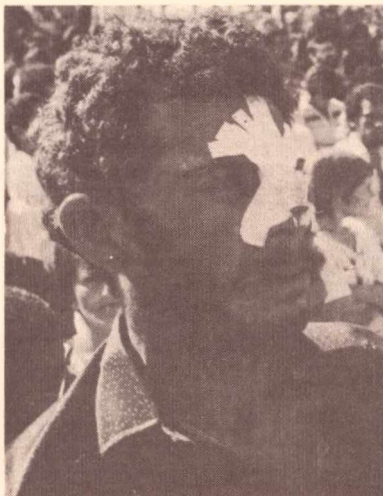
Até quando?

Luis Eduardo Greenhalgh



Juca Martins / F4

1



Cynthia Brito / F4

José Carlos Ambrósio, funcionário da Usina Cresciumal, não foi ao piquete naquele dia. Foi tirado de casa, espancado e, posteriormente, levado ao hospital. Nenhum boletim de ocorrência foi feito.

"Fui violentamente espancado pela policia. Eu e minha família.

Eu tinha ido buscar leite e eles já tinham entrado em casa, ameaçado a minha mulher e as crianças. O pessoal vinha fugindo e entrava nos quintais das casas vizinhas. E eles pensando que tinha entrado alguém em casa, invadiram e foram batendo e empurrando minha mulher. Três me seguraram e um bateu. Depois outros me levaram para o hospital. Mas se não fosse a mulher ter acudido eu, eu tinha morrido lá. A mulher levou umas pancadas nas costas mas acudiu. Quando viu o sangue correndo ela ficou desesperada."

No hospital - Santa Casa de Leme - após tirar uma radiografia, ficava constatado que seu nariz estava quebrado.

2

Sueli Correa, esposa de Orlando Correa, assassinado na manhã do dia 11 de julho, foi entrevistada pela equipe de assessoria de imprensa da CUT Nacional. Quando lhe perguntaram como ela achava que iria ficar aquela situação, ela respondeu: "Assim não pode ficar porque nós dois trabalhava pra tratar das crianças, ele tinha medo das crianças passar farta, e o coitado morreu na luta. Os policia mataram ele. Agora eles tem que dá jeito.

A violência quem trouxe foi as policia porque se as policia não tivesse entrado no meio, eles ia concordá, não ia trabalhá, não ia acontecê nada porque ninguém tá afim de tirar a vida do próprio irmão, sendo que o bem era pra todo eles. Mas a policia é contra, eles vieram pra fazer violência."



Sueli Correa, no enterro de seu marido, 12.7.86

Cynthia Brito / F4

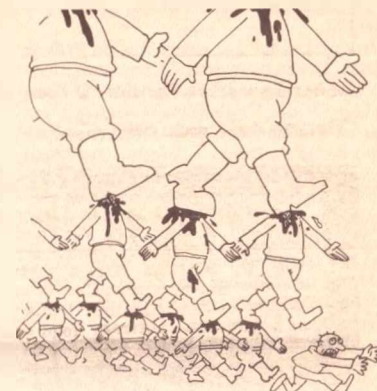
3

Antonio Henrique de Oliveira, 32 anos, casado, tem três filhos e é funcionário da Usina São João.

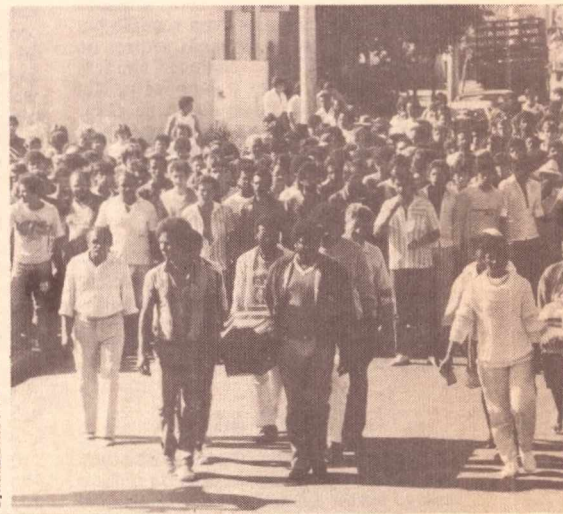
"Eu tava dormindo, às cinco hora me chamaram em casa pra trabalhar. Nego disse: lá pras sete horas eu passo pra pegar a turma. Tem uns 150 policial da turma de choque lá na praça. Eu disse: não vou trabalhá nego porque tem muita gente lá no piquete, eles vai quebrá seu ônibus e machucá eu... Ele falou: não, vai lá na linha que você vai vê. Ai eu se troquei, peguei uma brusa e fui vê. Eu ia subindo com a bicicleta, senti uma coisa na perna, pensei que era uma tijolada. Desci da bicicleta e fui empurrando, quando me disseram que a carça tava queimada que eu vi que era tiro. Dai a policia fechou eu, eu ia pular o muro mas com o tiro não da-

va mais. Dai eles me segurou e me bateu, me deu uma paulada na cabeça e me pôs na perua."

Antonio foi levado ao hospital mas não foi levado à delegacia.



Leme, 12.7.86 - enterro de Sibeles e Orlando



Leme, 12.7.86 - enterro de Sibeles e Orlando

Cynthia Brito / F4

O MASSACRE DE LEME

DEPOIMENTOS

4

Roberto Camargo, repórter

"Vitor acrescentou que não viu naquele momento nenhum carro da Assembléia Legislativa."

Foram eles mesmo que atiraram afirmou Victor Nogueira, 22, com fratura de rádio direito. Victor, que cortou cana para a Sociedade Agropecuária Crescumsal, disse que estava fazendo greve mas não participava do piquete na manhã de ontem. Ele explicou que foi até a praça do conjunto residencial do Jardim Bonsucesso, palco do conflito, para comprar pão sendo surpreendido pela existência de um grande aparato policial. Quando chegou para trás, a polícia estava atirando, disse Victor, acrescentando que não viu naquele momento nenhum carro da Assembléia Legislativa, de onde teriam partido os primeiros tiros segundo versão do motorista de ônibus da Crescumsal, Antônio de Souza, 45, registrada no boletim de ocorrência elaborado pela delegacia de polícia de Leme.

Segundo Victor Nogueira, os trabalhadores se limitaram a tentar parar os ônibus "para a turma não ir trabalhar", mas correram para as proximidades dos trilhos da ferrovia desativada existente no local e passaram a atirar pedras quando perceberam que "a polícia estava atirando para matar".

Outra vítima de ferimento a bala, Antônio Quirino Lopes, 22, atingido no cotovelo esquerdo e apresentando fratura do úmero, confirmou a versão de Victor. "Sei que foi um dos policiais que atirou em mim", disse Quirino. Também cortador de cana da Crescumsal, Quirino afirmou que estava na esquina nublado o movimento. Não sou de chegar perto e não sou de eles foram acertar.

5

José Gomes da Silva, carpinteiro:

"Quem atirou foram os PMs que saltaram dos ônibus."

O carpinteiro José Gomes da Silva, 36, disse às 13h de ontem, quando estava no trabalho, que pôde identificar os dois policiais militares que desceram do ônibus, que transportava trabalhadores da fazenda Crescumsal e atiraram contra os bóias-frias na sexta-feira da semana passada. "Acho acrescentou que eles não aqui de Leme".

José afirmou que o tiroteio tinha começado antes de o ônibus aparecer no local. Segundo ele, a Polícia Militar vinha do lado oposto ao que ele estava, empurrando os grevistas para a linha férrea, atirando para o alto. "A turma irrou" estava jogando pedras na Polícia e jogou também no ônibus. Desceram dois policiais e meteram fogo no pessoal. "Quando a menina caiu".

O carpinteiro disse que chegou ao local do conflito por volta de 6h30, indo para o trabalho de hoteleiro, e viu os cortadores de cana já recuando para a linha do trem. Ficou uns vinte minutos ali e garantiu que estava a quatro metros do ônibus. "Quem atirou para cima dos trabalhadores" afirmou — foram os PMs que saltaram do ônibus". José negou ainda que o carro do PT tivesse passado pelo ônibus. Segundo ele esse automóvel — ele não soube dizer se era um Opala — estava socorrendo os feridos, "quase no fim do tiroteio". O carpinteiro não sabe o que fez o outro carro do PT.

7

Tadeu Afonso, repórter

"Dezenas de bóias-frias procuravam, ontem, o repórter para denunciar a violência policial."

TADEU AFONSO
Enviado especial o Leme

Foi a polícia quem começou a atirar. Era o que afirmavam ontem, quase em coro, os bóias-frias grevistas de Leme (192 km de São Paulo). Não eram só eles. Agora, o motorista Orlando de Souza, 45, que disse ter visto um tiro partindo de dentro do Opala cedido à liderança do PT na Assembléia Legislativa, quando este cruzou a frente de seu ônibus, já mudou de idéia. Interrogado ontem em sua casa, ele afirmou só ter ouvido um tiro quando o carro passou a sua frente, abaixando-se imediatamente em busca de proteção. Pouco depois de dizer isso, desapareceu de sua casa.

Para o delegado titular de Leme, João Batista Dias Costa, 43, "é compreensível" que o motorista tenha apresentado dúvidas em seu depoimento de ontem, "pois ele está vivendo uma situação de constrangimento".

eram unânimes: um dos carros da Assembléia já tinha saído com deputados que iam percorrer outros piquetes. O outro Opala estava estacionado e só andou para prestar os primeiros socorros aos feridos.

No velório de Sibely Aparecida Manoel, sua amiga Maria Aparecida Canteli dizia que as duas tinham saído cedo de casa para apoiar o movimento dos grevistas. Mas resolveram ficar longe do protesto. Ela diz que, de repente, viram as pessoas começarem a correr e fizeram o mesmo. "Foi então — afirma Maria Aparecida — que a Sibely gritou 'me pegaram' e caiu. Já estava morta".

Chegando para o velório de Orlando Correia, na rua Manoel Marques Fátima, o cortador José Antônio Garcia, 32, também garantiu: o Opala azul que cruzou à frente do ônibus já estava atendendo aos primeiros feridos, tendo ficado parado antes disso.

Menor

Assustado pelo cerco dos repórteres, o menor Reginaldo Quirino Lopes, 17, estava ontem de manhã, na rua Visconde de Nova Granada, ao lado do local do tiroteio. Depois de hesitar um pouco e explicar que tinha sido ameaçado pela polícia militar, contou sua história. Disse que estava em casa às 11h, vendo televisão quando policiais militares invadiram a sala. Conta que levou muros no estômago, cacetadas nas costas e chutes nos lábios, que estavam feridos.

Foi logo cercado por outros cortadores de cana que pediam para que mostrasse as costas para os repórteres. Reginaldo hesitou novamente, mas, incentivado, abriu a camisa. As costas estavam cobertas de grossos vergões.

Isso deixou extremamente irritado o deputado Eduardo Suplicy, candidato do PT ao governo estadual, que levou logo o menor para mostrá-lo à uma equipe de televisão como prova da violência policial.

Reginaldo disse ainda que foi espancado na delegacia onde esteve detido por algum tempo. Segundo ele, além de o acusarem de maconheiro, os policiais o ameaçaram de represálias se contasse alguma coisa.

6

Maria Aparecida Canteli Bonvencaio, amiga de Sibely.

"Foram soldados que atiraram em direção ao povo."

Depoendo ontem perante o delegado seccional de Rio Claro, José Tejero, 59, Maria Aparecida Canteli Bonvencaio, 27, disse que foram soldados usando "um tipo de uniforme que é comum aos policiais que trabalham em Leme" que abriram fogo contra

os cortadores de cana da cidade, na manhã de sexta-feira. Pouco antes, conversando com o delegado, Aparecida também afirmara: "Aqueles do Leme estavam atirando". Como o delegado perguntasse contra quem, ela respondeu: "Em direção do povo".



Leme, 12.7.86 - enterro de Sibely e de Orlando

Assembléia dos canavieiros, domingo (13.7.86), onde se decidiu sobre a continuidade da greve

A PM MASSACROU BOIAS-FRIAS

Com um depoimento de nosso candidato a vice-governador Paulo Azevedo

A greve dos quase 4 mil canavieiros das cidades de Araras, Conchal, Leme, Mogi-Mirim, e Mogi-Guaçu, no interior de São Paulo, iniciada no dia 23 de junho, foi um movimento legítimo que os trabalhadores realizaram para defender os direitos que haviam adquirido e que vinham sendo desrespeitados pelos usineiros.

A principal reivindicação dos canavieiros era a mudança do sistema de pagamento (feito com base na tonelada de cana cortada). A cana murcha pesa menos do que a recém cortada, e, o atraso proposital na pesagem da cana, além da impossibilidade de fiscalização dessa pesagem, permitem aos patrões, mais do que a vil exploração, o roubo inescrupuloso do salário dos trabalhadores. Eles não cumpriram nem mesmo o miserável acordo que assinaram (prova disto é que o Tribunal Regional do Trabalho julgou a greve legal).

A intransigência e mesquinhês dos usineiros, indispostos a negociar, em conjunto com a cumplicidade e inoperância de um Ministério do Trabalho, incapaz de fazer cumprir os acordos que mediou, deram início ao conflito. São eles, também, responsáveis por seu trágico desfecho pois, através da Polícia Militar, usaram a força para intimidar e coagir trabalhadores. E o resultado: trinta pessoas feridas, duas mortas.

A saída, evidentemente, era jogar a culpa nas costas do PT e da CUT. O único objetivo das declarações de Muylaert, Montoro, Tuma, Brossard e Pazzianotto à imprensa era o de desviar as atenções do eixo da questão: deram ao caso um tratamento de choque.

Nossa presença

"Fomos a Leme a pedido dos trabalhadores", conta Paulo Azevedo, membro da CEN e candidato a vice-governador em São Paulo. Alguns piquetes já haviam sido reprimidos



Leme, 12/07/86, Azevedo mostra a Lula seus ferimentos

pela polícia e na terça-feira, dia 8, dois sindicalistas foram presos e espancados em Araras — Vitor Fanta e Hélio Neves.

No dia 10, em Leme, ocorre o primeiro incidente: alguém atira uma pedra num ônibus, um soldado corre atrás de um rapaz (possível agressor), leva um tombo e quebra o cabo do revólver. Nesse mesmo dia, Azevedo é ameaçado por um policial: "No dia em que o pau comer, baixinho, nós vamos te quebrar." E quebraram.

No dia seguinte (11/7), quando os membros do PT chegaram a Leme, já havia uma pequena concentração de canavieiros na praça e a tropa de choque da Polícia Militar estava a postos. Era o sinal de que haveria grande confusão. O deputado José Genoíno comentou que a presença da tropa era sinal de pancadaria e que era melhor acalmar os ânimos do pessoal. Mas, de quando em quando um

veículo passava e a tensão crescia, eram vaia e alvoroço.

Quando o ônibus da Usina Cres-

ciual, que transportava alguns tratoristas, passou pela praça e diminuiu a velocidade, a tropa de choque recebeu o sinal para avançar. Investiram, perfilados, contra os boias-frias obrigando-os a recuarem até a linha de trem (aproximadamente 50 metros). Neste instante, Azevedo recebe uma pancada e cai. A tropa passa por ele. As viaturas já se movimentavam para cercá-los por trás quando, munidos com as pedras da linha férrea, os trabalhadores passaram a se defender. No momento seguinte, iniciam os tiros contra a massa.

Foi somente depois de constatar que haviam feridos — até então, conta Azevedo, pensávamos que os tiros fossem de festim — que o deputado José Genoíno pediu a Jeremias, o motorista, que trouxesse o carro (o Opala da Assembléia Legislativa) para levá-los ao hospital. E apenas nesse momento, o carro é posto em movimento e retirado do local onde ficou, por todo o tempo, estacionado e vazio. O único caminho que poderia percorrer, seria passar pelo ônibus (que já estava parado), mas, a esta altura muitos tiros já haviam sido disparados e ninguém, exceto a polícia, tinha qualquer arma.

Marisa Lourenço



Os deputados Djalma Bom e José Genoíno Neto ouvem as queixas dos canavieiros



Leme, 12/07/86, Suplicy, ao lado de Sueli Correa, durante o enterro.

A prática sem teoria

Reflexões penosas mas necessárias sobre a falta de organização do Partido e sobre alguns (maus) hábitos políticos de nossos militantes.

As pessoas não lêem as circulares, e se lêem, imediatamente esquecem o que leram. Há orientações que precisam ser repetidas várias vezes. Há o costume de uma pessoa centralizar o recebimento da correspondência e não socializá-la. Há Diretórios sem sede em que a correspondência é enviada aos cuidados de um companheiro que muitíssimas vezes "engaveta" o que recebeu. Certas situações são desanimadoras: encaminhamentos de campanha, respostas a questionários, levantamento de dados... Os companheiros realmente não se importam com isso. Tudo é considerado como burocracia. Não se apercebem da importância que tem um relatório para a correção do rumo das iniciativas tomadas. O mais "desesperador" é que são pessoas boas, "combativos companheiros" do movimento social, mas sem nenhuma sensibilidade orgânica. "Levam" o PT de seu Estado ou município à sua moda, desarticulados.

Outra característica organizativa do PT é a desvinculação entre o Partido e o movimento social e sindical. Não se trata, absolutamente, da "correia de transmissão" tão condenada por nós e característica das esquerdas tradicionais. Somos fortes no movimento como presença, mas essa força não se transforma em força orgânica no Partido. Parece que não tem nada a ver uma coisa

com outra. Os companheiros sabem, até intuitivamente, como devem agir no movimento, mas não conseguem fazer com que esta força seja também Partido Político. Esse entrave é muito sério, porque toca no cerne da nossa proposta como Partido.

Não há planejamento concreto de ação política. Sem levar em conta as características pessoais dos dirigentes do Partido (normalmente, muito ocupados, metidos até o pescoço no "movimento"), falta ao conjunto do Partido a consciência de que ação sem planejamento (a prática sem teoria) dá "com os burros n'água". Quase não existe análise da realidade (estrutura e conjuntura). Não existe análise dos movimentos e de sua relação com o conjunto da sociedade. Da mesma maneira que não existe consciência de planejamento, não há consciência da necessidade de se "rever" a ação planejada. É claro que, se os objetivos não foram traçados com clareza, não podem ser avaliados. Também não há metas e nem prazos. Esta atitude é fatal para a organização do Partido. Permanecendo desta forma, vamos continuar sempre na "defesa" de nossas propostas e nunca chegaremos ao "ataque" concreto dos problemas. **NÃO HÁ ORGANIZAÇÃO SEM PLANEJAMENTO!**

Pelos mesmos motivos acima apresentados, nossas reuniões são pouquíssimo produtivas.

Existe um desconhecimento generalizado do que seja coordenação, ata, etc... Tudo é muito na base do intuitivo e improdutivo. Nossos encontros são "democratas". Em cima de "resoluções" que "precisam" ser tomadas, perdemos a chance de aprofundar o assunto. Não há método de trabalho para que as propostas sejam discutidas objetivamente. Às vezes elaboramos um documento que acaba não sendo colocado em prática por diversos motivos, até porque "está desligado ao dia-a-dia do Partido". Repetir decisões é a coisa mais normal. Todas as vezes que nos reunimos parece que é a primeira vez, e que "dessa vez" todos os problemas do país serão resolvidos "no papo". O gosto pela verbalização é verdadeiramente incrível. Um partido de discursos e papelório (versão um pouco mais avançada da verbosidade). A linguagem continua sofisticada e as intervenções dos "menos letrados" é tratada do mesmo jeito que as outras, ou seja, na medida em que a intervenção não tem a articulação intelectualizada da maneira como estamos acostumados a ler/ouvir, não se dá importância a ela... Não se trata de "valorizar" o que há de "ingênuo" e que muitas vezes se manifesta nessas intervenções, mas de discutir politicamente e aprofundar a intervenção do companheiro. Parece um time de futebol em que cada jogador joga com sua bola... Não há passes (raros). Não há equipe... e, é claro... **NÃO PODE HAVER GOLS...**

Uma das dimensões que mais afeta o trabalho de organização é a questão financeira. Não se organiza nada sem dinheiro. O arrocho salarial e a situação de miséria do povo trabalhador têm se refletido inclusive na dificuldade de presença em reuniões realizadas no próprio perímetro urbano das capitais... Há trabalhadores que não podem gastar dinheiro com passagem de ônibus urbano para comparecer a uma reunião (ou manifestação pública, etc.) sem que este dinheiro lhe faça falta no final do mês. Para o trabalho do partido a questão financeira é essencial. Isso todo mundo sabe! Sabe, mas não adianta só saber. Percebemos que não há consciência da necessidade de planejamento (mais uma vez) de



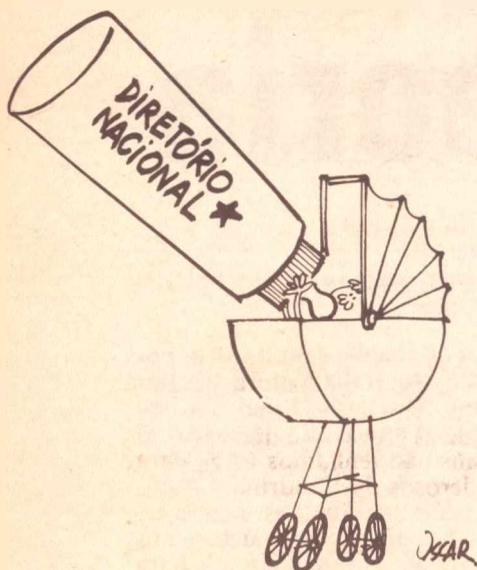
O APARELHAMENTO ENTRAVA A BUSCA DE CAMINHOS PRÓPRIOS PARA O PT

finanças. A contabilidade é um caos. Não se aproveitam as experiências de finanças já realizadas. Não há um programa sério de finanças. Há também uma espécie de "paternalismo" arraigado nas bases. Até agora pouca gente pagava pelo material que recebia. Isso começa a mudar (atual esquema de distribuição de Programa, Manifesto e Estatuto e de cartazes). As pessoas não se conscientizam de que o dinheiro sai do bolso da gente mesmo. Os Estados e municípios (vícios "coronelistas") tratam o Nacional como uma espécie de "mãe de todos"... Será que o Nacional não pode ajudar em tal coisa... O Diretório Nacional participa da irresponsabilidade geral: aprova campanhas e propostas sem ter a mínima idéia de onde virá o dinheiro e também sem o compromisso de consegui-lo. Sempre aparece uma "solução mágica" que é "convocar os filiados e simpatizantes para uma cota extra"... De duas, uma: ou a Direção é irresponsável neste tipo de proposta, que acaba dando quase nenhum fruto, ou o pessoal não contribui com o que poderia... ficamos com as duas opções.

Os Diretórios do Partido, especialmente as executivas, parecem com clubes de amigos, com comunidade eclesial de base ou com diretoria de sindicato. Com certeza esta "semelhança" vem da origem do Partido, que discutiremos mais à frente. As relações pessoais interferem demais no



"TUDO É CONSIDERADO COMO BUROCRACIA"



"OS ESTADOS E MUNICÍPIOS TRATAM A NACIONAL COMO UMA ESPÉCIA DE MÃE"

humor dos dirigentes do Partido. É claro que somos humanos, e não poderia ser diferente, mas uma proposta política exige algo mais que "amizade" ou "simpatia". Este algo mais poderia ser definido como "companheirismo". Falta no PT esta fraternidade mais profunda (o importante é o compromisso com o companheiro, gostemos dele ou não, pessoalmente, gostar de alguém não é obrigatório, mas nos comprometermos com ele em termos políticos é fundamental).

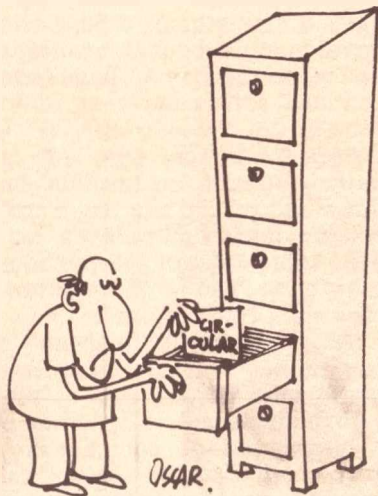
TRAZEMOS NA BAGAGEM

Como é normal, levamos para o PT os defeitos e as virtudes de nossa origem no movimento social. Já dissemos que a força do PT vem das bases que temos nos movimentos. Há pouca coisa que é só força do PT mesmo! Em relação à organização, o que nos parece, com exceções, é que o positivo não foi transferido para o PT. O pessoal que vem da base da Igreja leva o Partido como leva a comunidade de base, que é sua vida... Isso é importante e fecundo a longo prazo, mas tem pouca eficiência organizativa... A vida não é planejada... a vida acontece.

O pessoal que é agente pastoral na Igreja e se engaja no Partido não conseguiu transferir sua experiência de ação-reflexão (teoria e prática ou "Ver, Julgar e Agir") para a organização do Partido. O pessoal que vem do Sindicato, também com exceções, não transferiu para a organização do Partido sua experiência de análise de conjuntura, organização e administração. Talvez porque não tenham percebido ainda a importância do Partido Político.

O surgimento da proposta do PT chegou adiantado nas regiões menos industrializadas, onde o movimento social é fraco. Nestas regiões a proposta do PT veio "de fora". Daí a insegurança com que muitos companheiros levam o PT e o fato de muita gente do movimento "ainda não ser do PT" porque "não chegou a hora do Partido". Com o processo de convocação da Constituinte, esta situação tende a mudar com todos os movimentos e militantes tendo de se definir em termos político-partidários. Temos crescido sensivelmente neste aspecto... cada vez mais, mais gente está comprometida com o PT!

Há ainda dois grupos, por origem, que precisam ser analisados. O pessoal da Universidade e os grupos da esquerda organizada. A turma da Universidade (Professores, funcionários e alunos) e que tem posicionamento independente, muitas vezes fica perplexa diante do Partido. Ou deixa o Partido para que seja assumido pelos verdadeiros operários (atitude passiva) ou assume o Partido com uma ideologia e prática pequeno-burguesa, com to-



"CIRCULARES SÃO ENGAVETADAS"

dos os transtornos e desvios que isso traz. O pessoal dos grupos de esquerda organizada (enraizado quase que exclusivamente na Universidade) não tem contribuído em quase nada para avançar a organização do PT. Em primeiro lugar, porque eles têm finanças próprias, em segundo porque sua visão de sociedade e seu projeto de mudança tem uma definição clara... ou eles nos questionam em nossa indefinição ou tentam impor sua visão, não pelo debate e pelo convencimento (o que seria perfeitamente democrático), mas pela conquista de cargos e aparelhamento de Diretórios... Este aparelhamento entrava a busca de caminhos próprios para o PT, não somente em termos políticos mais globais, mas em termos organizativos.

"NÃO FICA HISTÓRIA PARA OS QUE VÊM DEPOIS"



CARREGADORES DE PIANO DESPRESTIGIADOS

Existe no PT um enorme desprestígio de duas Secretarias essenciais: Finanças e Organização. Disputa-se "no tapa" os cargos considerados importantes e estas secretarias de carregadores de piano sempre sobram... É comum o secretário-geral acumular a Secretaria de Organização (ou assumi-la, porque o titular não o faz). "Fazer dinheiro" ou organizar são atividades políticas essenciais para o Partido que quer "organizar os trabalhadores". Não dá para entender!

No PT a experiência é sistematicamente "desacumulada". Não se acredita na eficiência de relatórios... fica tudo na cabeça das pessoas. Troca-se a direção e perde-se tudo que foi conquistado. Um exemplo claro disso são os Diretórios Regionais e Municipais que têm períodos de grande avanço e em seguida entram "na baixa". Não fica história para os que vêm depois. Os arquivos do Partido praticamente não existem nos Estados e Municípios. O PT lembra a famosa expressão "italiana": "Calça de veludo ou b. de fora", ou seja, ou fazemos coisas grandiosas ou não fazemos nada. Também não dá pra entender.

Há um embrião de consciência da necessidade de se trabalhar em coletivo. Em diversos Estados já começam a funcionar as Secretarias de Organização (e outras

também), sob forma de coletivo, onde as pessoas discutem as propostas, dividem tarefas e se responsabilizam pela sua realização...

Em muitos Diretórios novos, há uma grande preocupação com a formação política. Com a reavivagem da Secretaria Nacional de Formação Política está havendo um reflexo positivo nos Estados. Esta questão é essencial para a organização.

Há também uma consciência PT que ultrapassa as fronteiras geográficas. Como o Brasil é um país de migrantes e de "retornantes", está acontecendo um fenômeno interessante que é a volta de companheiros para sua terra natal (geralmente interior de Estados menos desenvolvidos) ou a ida de companheiros de todo o Brasil para Rondônia, Acre, Mato Grosso, Roraima e Pará. Estes companheiros e companheiras têm levado a proposta do Partido e ampliado claramente nossas fronteiras. É uma ação espontânea que mereceria melhor acompanhamento.

Alguns Estados estão desenvolvendo a experiência de ativação de cidades-pólos, onde se localizam companheiros mais experientes, com mais tempo de militância (muitos membros dos Diretórios Regionais), que ajudam as cidades vizinhas a fazerem crescer o PT, discutem problemas comuns da região e acertam uma intervenção mais articulada, além de trocarem experiências com mais facilidade.

Por último, há uma efetiva renovação dos núcleos do Partido. Começam-se a criar núcleos em muitos municípios... e núcleos de todos os tipos. Dentro em breve será possível analisar com mais segurança este retomar dos núcleos no Partido.

Carlos Eduardo Zanatta



Como organizar os feministas, eis a questão!

Porto Alegre, 18/06/86.

Companheiros, eu deveria enviar esta carta originariamente a Enid Baches, aqui no Rio Grande do Sul, e a Elizabete Souza Lobo, aí em São Paulo, pois são as mulheres que conheço, que estão fazendo um trabalho feminista sério. Porém, achei ao fim que deveria enviar ao Boletim Nacional. Peço, portanto, que, na medida do possível, elas tomem conhecimento do conteúdo da mesma, oportunamente.

Muito me tem preocupado o desenvolvimento do movimento feminista tanto no interior do Partido como fora dele. Essa preocupação se deve ao fato de não existirem políticas claras para o trabalho feminista, ou, se elas existem, não as conheço. Nem sequer documentos onde constem diversas posições para dar início à discussão que objetiva a solução desse grave problema partidário. Por isso, essa frente de massas e a nossa intervenção ao interior dela poderiam estar muito mais organizadas do que estão atualmente, e todos os militantes mais consequentes do PT sabem dessa verdade.

Gostaria que fossem esclarecidas e discutidas coisas que me causam dúvidas e me trazem ansiedade:

1) Parece-me que o PT promove as mulheres (e os homens) que fazem trabalho político de partido e não têm promovido adequadamente as mulheres com liderança junto ao movimento feminista dos diversos Estados e a nível nacional. Sorte nossa que o PT tem um bom número de líderes do movimento feminista. Já pensaram se o PDT e o PMDB as tivessem em suas fileiras?

2) Como será a organização das feministas no interior do Partido dos Trabalhadores? Será através de uma Comissão Nacional, Comissões Estaduais e Comissões Municipais? Ou será através de articulações com visões táticas diferentes? Ou ainda outra solução?

3) Qual será nossa proposta de organização das mulheres na CUT? Será a luta pela criação de uma Comissão de Mulheres Trabalhadoras, ou deixá-las dispersas, porque, como se diz, as mulheres também são trabalhadores e devem, portanto, lutar somente por dias melhores para a classe a que pertencem?

4) Como será a organização, a nível de movimento de massas, das feministas do PT? Deverá lutar-se por uma Confederação, Federação ou União Nacional das Mulheres, com representação regional e municipal, como acontece em países burgueses, como a França, ou países socialistas, como Cuba -

ou as feministas lutarão confrontalmente a partir da organização partidária?

Enquanto essas perguntas não estão sendo respondidas, tenho visto companheiros que militam no movimento feminista - no espaço estreito do partido e das conjunturas - acabarem presas fáceis de machões e de 'boys', de terapias reacionárias (em todas são) ou tornarem-se consumidores das "verdades" das cartas de Tarot, dos búzios e dos mapas astrológicos. Baixo astral, isto que é! Pior para nós, homens e militantes do PT.

Dirceu Luiz Messias

Canal aberto

São Paulo, 11/06/86.

Prezados Senhores: temos o prazer de comunicar-lhes que está à sua disposição nossa CAIXA POSTAL 61094, CEP 05071, São Paulo (SP).

Queiram, por favor, utilizá-la para o envio de quaisquer correspondências, convites, solicitações, etc.

Ficariamos encantados também em receber seus boletins, publicações e outros comunicados que porventura sejam emitidos.

A seu dispor, subscrevemo-nos, atenciosamente

Gregório Zelayandia

Representante da FMLN (Frente Farabundo Marti para a Libertação Nacional) e da FDR (Frente Democrático-Revolucionária).



Cartão Postal da FMLN - Morazán, 1980. Combatentes sorriem depois de arrebatar armas automáticas à ditadura.

Escreva também!

O Boletim Nacional tem recebido um número crescente de artigos e colaborações dos próprios leitores. Escreva você também, levando em consideração as seguintes observações:

1. Notas informativas não devem ultrapassar 30 linhas.
2. Artigos e contribuições para o debate teórico não devem ultrapassar 60 linhas (cada linha deve ter 70 toques).
3. Procure escrever sobre assuntos de interesse geral, pois o Boletim é distribuído em todo o país.
4. Coloque seu nome e endereço completos e telefone para contato. Caso você exerça alguma função dentro do Partido, especifique.

O endereço você já sabe: Sede Nacional do PT - Rua 11 de Junho, 260, CEP 04041, São Paulo, SP.

Boletim de Cambé

Cambé, 27 de junho de 1986.

Companheiros, aqui vai nosso boletim municipal de Cambé.

A prefeitura de Cambé é muito rica, porém, o povo e a classe trabalhadora são pobres e oprimidos. Cambé e Londrina são duas cidades onde as greves não dão certo. É uma pena que nós não tenhamos força para derrubar os poderosos de Londrina e Cambé. Em Cambé temos 210 filiados. Agora estamos trabalhando para formar núcleos nos bairros. Para novembro trabalharemos para eleger pelo menos um deputado estadual do PT.

PT Saudações!

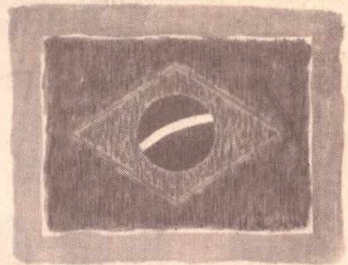
Elias Spinassi (vice-presidente)

CONSTITUINTE

FÁBIO KONDER COMPARATO

MUDA BRASIL

UMA CONSTITUIÇÃO
PARA O DESENVOLVIMENTO
DEMOCRÁTICO



editora brasiliense

2.^a
edição

O livro MUDA BRASIL - Uma constituição para o desenvolvimento democrático (2.ª edição), de Fábio Konder Comparato, é um anteprojeto de Constituição solicitado pela direção do PT para servir de base às discussões internas e à tomada de posição política. Muda Brasil está à venda na Sede Nacional do PT por Cz\$ 40,00 (sem incluir despesas de correio). Mande um cheque nominal ao Partido dos Trabalhadores (av. 11 de Junho, 260 CEP 04041, São Paulo SP), juntamente com seu pedido ou ligue para 5752299 para obter mais informações.



BOLETIM PT

PARTIDO DOS TRABALHADORES - CAMBÉ - 1

ELEIÇÃO DOS TRABALHADORES RURAIS DE CAMBÉ

Os trabalhadores comprometidos com uma autêntica proposta sindical, de conscientização e participação na direção dos seus destinos, foram afetados das disputas por membros sôcos do pato do PDS atualmente na presidência o Sr. Antonio Marquês.

Patrocinado pela Prefeitura Municipal de Cambé, um grupo de trabalhadores sôcos fez a seguinte proposta: os membros sôcos do PDS, em tempo a sua chapa e disputar a próxima eleição em 20.03.86.

A situação atual está assim colocada: de um lado um pelégo do PDS, há 19 anos na direção do sindicato e de outro um grupo de trabalhadores aliados a políticos de prefeitura.

O PT propõe aos trabalhadores sindicalizados, que cobrem dos candidatos das duas chapas (a se dizem iguais), propostas definidas de trabalhos sob pena de estarem sendo usados simplesmente para remoção de um pelégo e em sua lugar colocarem outro igual.

EXEMPLO DE UMA ADMINISTRAÇÃO

A nível estadual o governador do Paraná abandonou todos os compromissos com o povo ao licenciar-se do cargo em outubro/novembro do ano passado para fazer campanha eleitoral para prefeitura de Curitiba ou, em outras palavras, preparar a sua eleição neste ano para senador. Isto foi feito num período em que o estado já estava mergulhado no maior período de estagnação de sua história, com as consequências tristes que hoje se tornaram bastante claras (pagamos propriedades em processo de execução judicial, bolas brutas em serviço e baixos níveis de produção agrícola. O seu candidato venceu. E o povo do estado como ficou?

CAMBÉ E A PARTICIPAÇÃO POPULAR

Em Cambé, no mesmo período o Prefeito aderiu para prefeitura um veículo novo, um chevrolet opala diplômeta preto com ar condicionado no valor de hoje de Cr\$ 150.000,00. No dia 14 de fevereiro desapeçou funcionários e veículos da prefeitura para Curitiba para auxiliar na já cidade eleição.

Em compensação o seu IPTU deste ano já sofreu um pequeno reajuste de mais de 200% ou seja, triplicou o seu valor.

É contra tudo isto que nos colocamos porque não vemos neste fato nada de diferente daquele quando a esposa do ex-presidente Figueredo viajou de Brasília a São Paulo no jato da presidência para assistir desfile de moda e aumentavam a contribuição dos trabalhadores para o INPS.

Acordem trabalhadores, juntos vamos modificar tudo isto.



UTILIDADE PÚBLICA

O prefeito Municipal pede encarecidamente a quem encontrar um caderno de endereços perdido por ocasião da sua campanha eleitoral em 1982 que o devolva com urgência, pois estão nele os endereços de todas as indústrias que ele tratou para Cambé conforme prometeu. Gratifica-se com um emprego na prefeitura.

PACOTE ECONÔMICO

O novo "pacote econômico" que o Presidente Sarney soube nos bases de sociedade brasileira, equacionada pela burguesia capitalista, terá muita repercussão entre este povo simples, que sem fazer uma análise profunda, elogiaram os homens de colarinho branco que elaboraram o pacote econômico que veio de um presidente pertencente a uma república velha. Isto é, antes disso a situação que hoje virou a cabeça em república nova.

É tudo pensarmos que o pacote econômico distorsional venha a ajudar o povo brasileiro. O povo simples só terá uma vantagem: o congelamento dos preços dos produtos

Americana (SP), 24.05.86

Caros companheiros, a Organização Mundial de Pessoas Deficientes (DPI), Regional Latino Americana, realizou no mês de maio a sua reunião de Conselho em El Salvador, e, também, um seminário de Capacitação de Líderes de Organizações de Pessoas Deficientes.

Da reunião do conselho, entre outros pontos, destacam-se: a elaboração de um projeto de capacitação de líderes à distância; a realização de um boletim Latino Americano (com sede em Montevidéu - Uruguai); a estruturação da Organização de Deficientes no México, Cuba e San Domingos e a elaboração da "Declaração de Paz de San Salvador", a qual pediria que fosse divulgada.

Resta salientar que a DPI funciona como consultor da ONU para assuntos de pessoa deficiente.

Celso Zoppi



Manifesto

Nós, membros da DPI (Organização Mundial de Pessoas Deficientes), que representamos os deficientes de todos os lugares do mundo, nos pusemos de acordo para adotar a seguinte CARTA, que nos servirá de diretriz em nossa luta por uma completa participação e igualdade dos deficientes em todas

as sociedades. Fazemos um chamado a todas as pessoas deficientes do mundo a formar suas próprias organizações e a associar-se à DPI em uma luta comum por uma completa participação e igualdade com nossos semelhantes.

Em todos os países e em todas as culturas há pessoas com defeitos físicos ou mentais. A Organização Internacional da Saúde (OMS) estima que aproximadamente 500 milhões do total da população mundial são, atualmente, pessoas deficientes. Destas, estima-se que 140 milhões são crianças e mais de 300 milhões vivem em países em vias de desenvolvimento e apenas 1% destas pessoas se beneficiam com algum tipo de atenção especial, reabilitação ou outros serviços.

As sociedades do mundo se planejam e desenvolvem sem tomar conhecimento das necessidades dos deficientes, como consequência eles à margem destas sociedades, segregados, em muitos aspectos, do resto dos cidadãos e impossibilitados de exercer ainda os direitos mais fundamentais estabelecidos na Declaração das Nações Unidas:

DIREITOS BÁSICOS

- O Direito à Educação
- O Direito à Reabilitação
- O Direito ao Emprego
- O Direito à Segurança Econômica
- O Direito à Vida Independente
- O Direito à participação nas atividades sociais, culturais e políticas
- O Direito de Influir

Endereço da DPI na América Latina:
Jacqueline de las Carreras
Corporación Argentina de Discapitados
Estomba 1650
C.C. 79, SUC 30 C.P. 1430
Buenos Aires - Argentina

Todo homem tem direitos?

Existem 500 milhões de pessoas com deficiências graves no mundo. Destas, 100 milhões se encontram gravemente incapacitadas devido à falta de uma nutrição adequada. Você sabe que a causa disto é um planejamento desumano baseado na atitude indiferente de muitos governantes que conduzem ao sofrimento e à miséria milhões de famílias no mundo?

UM PARTIDO EM MASSA



Porque o trabalhador precisa fazer política?
Como fazer política? Pra que serve o partido político?
Como surgiu o PT?
De que forma o PT é democrático?
A cartilha O QUE É O PARTIDO DOS TRABALHADORES responde.
Esse caderno será peça fundamental no trabalho de iniciação de simpatizantes e novos filiados. Já está pronta a 2.ª edição. A venda na Sede Nacional por Cz\$ 5,00.

Política em 5 lições



A Fundação Wilson Pinheiro, atendendo oportuna sugestão da Editora Mercado aberto, lançou uma coleção de 5 fac-símiles sobre política: Política Municipal, Política Agrária, Política Urbana, Política Cultural e Política da Constituinte.

A coleção está a venda na FWP por Cz\$ 90,00. Os volumes também podem ser adquiridos individualmente por Cz\$ 18,00 cada. Faça sua encomenda: Rua 11 de Junho, 260 CEP 04041 São Paulo SP - Fone: 575-3764.

Poder e voto, a polêmica continua

Patos (PB), 18/06/86.

Companheiros do Boletim Nacional, quando reafirmo que a manchete "PT no poder", ou manchetes de impacto que conduzem o leitor a confiar unicamente no caminho eleitoral, deseducam e iludem nossos companheiros trabalhadores, me baseio nos seguintes fatos:

1) As forças armadas intervieram diretamente na política em países da América Latina nas seguintes datas: Argentina - 1955, 1962, 1966, 1976 -, Bolívia - 1964, 1969, 1971, 1980 -, Brasil - 1964 -, Chile - 1973 -, Colômbia - 1953, 1957 -, Equador - 1963, 1972, 1976 -, Paraguai - 1954 -, Perú - 1962, 1968 -, Venezuela - 1948 -, Uruguai - 1976. Em todos esses casos observou-se o uso da força para estancar um processo de funcionamento democrático. Em todos esses casos as forças armadas atuaram a favor do capital e contra o trabalho.

2) Quem reduz o conceito de poder político a apenas uma de suas eventuais componentes, "a força física", portanto, é a burguesia e não eu. Quando ela não está desencadeando uma ação armada contra algum país, está tramando (com o auxílio de seus estrategistas, organizados internacionalmente, numa cruzada mundial de ajuda mútua contra trabalhadores indefesos ou contra países pegos de surpresa) algum golpe. Dose de covardia não lhes falta.

3) No Boletim Nacional n.º 16 (jan./fev. de 1986), nosso companheiro dirigente, Lula, nos disse: ... "Precisamos encarar o núcleo com essa seriedade ou seremos um Partido igual a tantos outros que já foram criados neste país e que não deram em nada, porque na hora em que veio o golpe militar acabou com tudo. Mas se a gente tiver organização de base, seja num local de trabalho, seja num bairro, eu não acredito que golpe mili-

tar nenhum consiga acabar com a organização consolidada junto ao povo brasileiro". Numa entrevista à Folha de S. Paulo (que a grande imprensa aproveitou para deturpar), Lula afirmou: "Eu não acredito. Embora eu vá usar de todas as artimanhas possíveis, todos os pretextos possíveis para chegar ao poder pela via do voto".

Quando um representante dos trabalhadores ousa exprimir uma preocupação respaldada na própria experiência da história de seu país, os "analistas da grande imprensa" se arrepiam, e insinuam que nós é que pensamos em tomar o poder pela força. No entanto, nós nos submetemos às regras do jogo que "eles" nos propõem e temos como armas nossas mãos e nossa voz. São eles que têm a força material pronta para ser usada na primeira oportunidade.

4) Nosso BN, na seção de cartas, manifestos e quetais, nos informa através de seus militantes a situação no campo. Quantos morreram? Quantos estão feridos? Quantos estão sendo diariamente expulsos de suas casas? E não temos um companheiro condenado a um ano de prisão pela justiça militar? É ou não é a repressão no campo e na cidade usada (seria de forma simplista?) para "persuadir" os trabalhadores a abrirem mão de seus legítimos direitos?

Não pretendi minimizar a importância da luta pela conquista do governo por vias eleitorais. Tentar alterar a composição do Parlamento colocando lá dentro companheiros líderes sindicais ou autênticos representantes dos trabalhadores estamos contribuindo para dificultar um golpe. Promover a organização de base, como indica Lula, é outra necessidade básica. Pela via do voto, estamos periodicamente nos contando (quantos somos?) e testando a confiança dos trabalhadores em nós.

Não podemos trair essa confiança utilizando nosso único veículo para iludi-los. Temos pela frente um longo caminho a percorrer. Já crescemos muito apesar de nossos poucos recursos financeiros (qual o banquei-

ro ou industrial está disposto a investir mais de 7 milhões de cruzados para eleger um representante dos trabalhadores?).

Para terminar, vale lembrar um trecho do nosso manifesto de fundação: "O PT afirma seu compromisso com a democracia plena e exercida diretamente pelas massas. Neste sentido, proclama que sua participação em eleições e suas atividades parlamentares se subordinarão ao objetivo de organizar as massas exploradas e suas lutas". Um abraço.

Jacyra Braga Arêas

Seja assinante!

Camaçari (BA), 20/06/86.

O Diretório Municipal do PT - Partido dos Trabalhadores - de Camaçari (BA), através de seu tesoureiro, vem solicitar informações sobre como fazer assinaturas e quais as condições de pagamentos. Gostaria de receber um bloco de cupons de assinatura para conseguir novos assinantes. PT Saudações.

Eduardo Francisco de Nóbrega
Tesoureiro PT Camaçari

BN responde: para ser assinante do Boletim Nacional basta enviar uma carta (de preferência registrada, para evitar que se extravie) endereçada à Sede Nacional - Rua 11 de Junho, 260, CEP 04041, São Paulo, SP -, com seu nome e endereço completos (em letra legível), juntamente com um cheque nominal ao Partido dos Trabalhadores, no valor relativo à sua assinatura: Anual Cz\$ 20,00, ou BIANUAL Cz\$ 30,00).

Informamos aos companheiros que, infelizmente, no momento não dispomos de cupons para auxiliar nesse trabalho de colher assinaturas, mas lembramos ao companheiro que as assinaturas podem ser efetuadas mesmo que sem o cupom. Basta enviar o nome e endereço do assinante, junto ao pagamento em papel comum de carta.

CUPOM DE ASSINATURA

Faça já sua assinatura enviando um cheque juntamente com este cupom ao PARTIDO DOS TRABALHADORES — BOLETIM NACIONAL — Av. 11 de junho, 260 — CEP 04041 — São Paulo — SP

QUERO SER ASSINANTE DO



Nome

Ruan.º

CEPCidadeEstado

Anual — Cz\$ 20,00

Bianual — Cz\$ 30,00

Em caso de renovação da assinatura ou mudança de endereço, anexe ao cupom a etiqueta de envio do Boletim.



Meta a cara ... na cartilha da Reforma Agrária. A segunda edição já está pronta e à venda na Sede Nacional do PT (Rua 11 de Junho, 260 CEP 04041 São Paulo SP) por apenas Cz\$ 3,00. Compre a sua antes que acabe.

A Nova República e a ditadura de Pinochet

Muitos se perguntam por que não se concretizam as palavras de Tancredo Neves que se referiram aos cidadãos chilenos — seu governo apoiaria a restauração da democracia naquele país.

Até agora isso não foi visto. Parlamentares brasileiros viajam ao Chile, conhecem a heróica resistência do povo e, no entanto, não há nenhuma declaração a respeito. Inclusive, o chefe da última delegação não escreveu nem três linhas sobre sua experiência em sua coluna em um jornal diário paulista.

Por outro lado, se fala em um distanciamento entre os dois países.

O presidente Sarney receberá Gabriel Valdés (dirigente de oposição) que brevemente virá participar de um seminário na Universidade de Brasília? Não sabemos, mas se refletirmos sobre a estranha conduta do Legislativo e Executivo brasileiro...

Sabemos que por trás de tudo isso está o comércio de armas, florescente negócio nacional. A ditadura chilena é um bom cliente das fábricas de armas brasileiras. Há menos de um mês um general do exército de ocupação chileno visitou suas instalações em São José dos Campos. Era mais um passo na negociação bastante adiantada entre os fabricantes da morte e os executores genocidas pela soma de um bilhão de dólares.

Parlamentares consultados



Timi Ungerer, Shit up! Cartoons for Amnesty

sobre esta trágica negociação declaram que infelizmente as vendas de armas são operações restritas à segurança nacional. Existe toda uma legislação que impede, inclusive, pesquisar e consultar os próprios membros do Parlamento. Se assim for, teremos que enfrentar esta difícil constatação. Pouco pode esperar o povo chileno do governo brasileiro

em termos de apoio, pois impeçam os critérios do lucro sobre o apoio à luta pela liberdade e pela democracia.

Há pouco tempo foi descoberto um coronel do exército de ocupação chileno dirigindo um escritório de venda de cobre em São Paulo. Este oficial já havia participado de "valentes" fuzila-

mentos a dirigentes políticos da Unidade Popular durante o governo do último presidente legalmente eleito pelo povo, Salvador Allende. Valentemente, ele negou seus crimes, porém, com tantos antecedentes como prova, aceitou sua participação; valentemente, também, culpou a outro oficial que, indignado, reagiu confessando todo tipo de detalhes. Não havia dúvidas: era ele mesmo o verdugo.

Entretanto, não houve nenhuma reação oficial das autoridades brasileiras, nem sequer um educado convite a abandonar o país. E mais, foi recusada a petição legal de expulsão. O que há por trás disso? Mais uma vez o medo de perder tão bom cliente?

Pensamos assim porque, diante de fatos tais como a pesquisa Eichmann, por exemplo, onde se levantou toda uma estrutura de pesquisa ao dirigente nazista, não vemos qual a diferença, pois trata-se de vidas humanas. Todos são iguais diante da lei, proclamam as constituições.

Mas ainda é tempo de atuar. O mais importante é uma definição, uma tomada de posição. O Chile já tinha sua posição antes de ser ocupado por seu próprio exército e os milhares de exilados brasileiros que lá viveram sabem - muitos deles são parlamentares agora, outros postulam. Eles sabem que o povo chileno correspondia plenamente a seu lema: o asilo contra a opressão.

Eduardo Alday



BOLETIM NACIONAL

Órgão informativo da Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores
Av. 11 de Junho, 260 - CEP 04041 - São Paulo, SP -
Fone 575-2299

N.º 20 - Julho de 1986

Editor: Bernardo Kucinski/ Secretária de Redação e Produção: Marisa Lourenço/ Diagramação: José Ramos Neto/ Revisão: Marta Magnani/ Composição, Fotolito e Impressão: DCI/ Tiragem: 20.000 exemplares.

IMPRESSO

BOLETIM NACIONAL FT
LUIZ SERGIO GOMES DA SILVA
RUA JACQUIM TAVORA, 1589
04015 SÃO PAULO SP